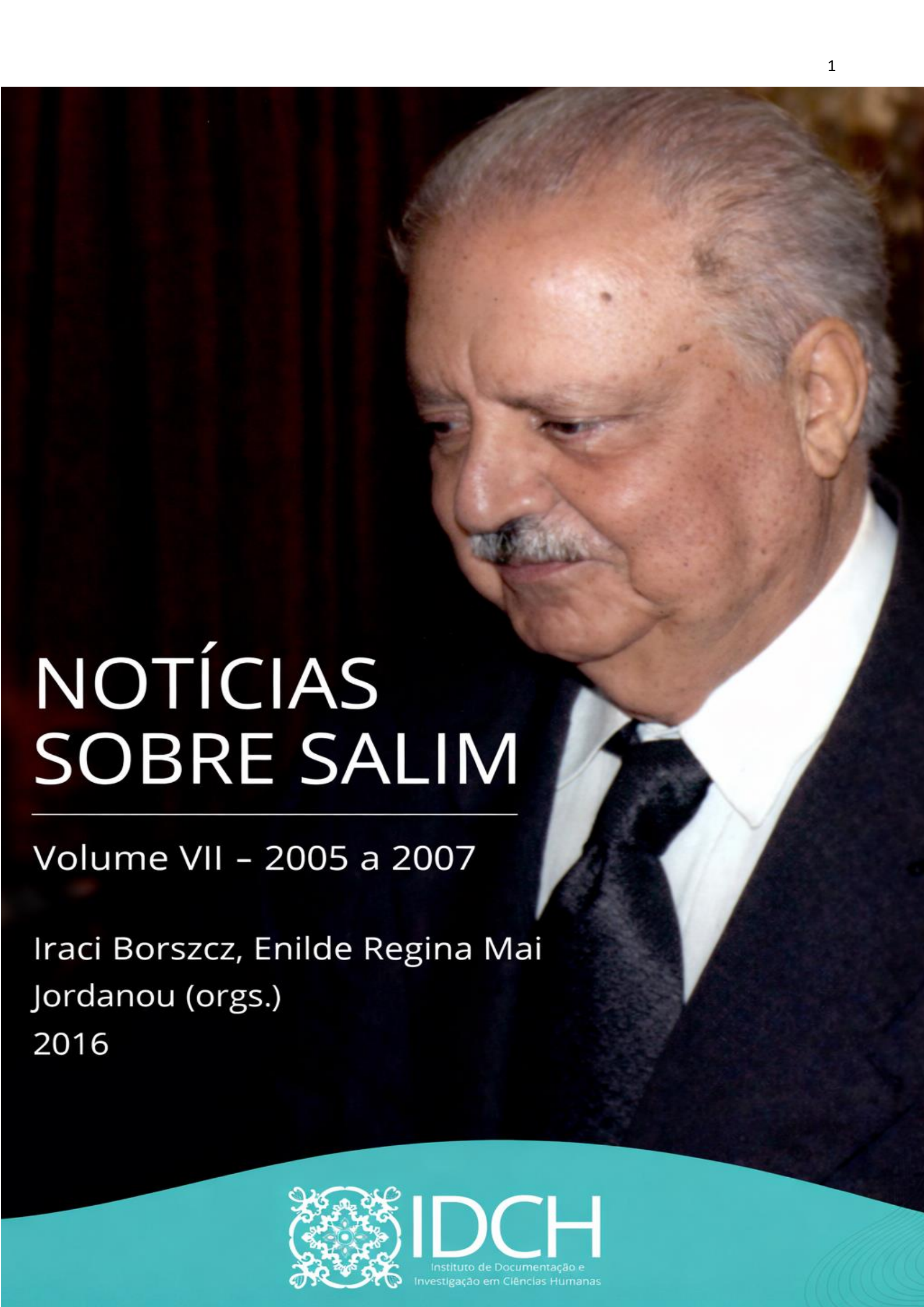


A close-up, slightly angled portrait of an older man with grey hair and a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie. He is looking down and to the left. The background is dark and out of focus.

NOTÍCIAS SOBRE SALIM

Volume VII – 2005 a 2007

Iraci Borszcz, Enilde Regina Mai
Jordanou (orgs.)

2016



IDCH

Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

FaED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



IDCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



Notícias Sobre Salim Miguel:

Matérias, entrevistas, notas e comentários

Volume 7: 2005 a 2007

Organização e digitalização: Iraci Borszcz

Enilde Regina Mai Jordanou

Coordenação. Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

SUMÁRIO

001: Dez do jabuti.....	4
002: Contexto histórico e literário	5
003: No caminho do Jabuti: Salim Miguel e Cristovão Tezza são indicados ao principal prêmio literário do Brasil	6
004: Pintura e literatura integradas em mostra	7
005: O Tempo é o senhor da razão.....	8
006: Catarinenses se destacam na feira do livro de Joinville: Salim Miguel é um dos autores na programação deste sábado	12
007: Carta a Salim Miguel.....	13
008: Uma lembrança da infância	15
009: Maturidade Criativa	16
010: REUNIDOS em almoço literário... [foto].....	18
011: Pegadas na areia do tempo	19
012: A década do conto brasileiro: antologia resgata a Revista Ficção	23
013: Um escritor do mundo	24
014: As Corruíras da cachoeira	25
015: A Província Saudável: entrevista Salim Miguel.	28
016: As invenções de Salim Miguel.....	31
017: De frente para o mundo: obra de Salim Miguel que fala da repressão nos primeiros dias de ditadura de 1964 é traduzida para o francês.....	32
018: E assim começou o grupo: em 7 de novembro de 1947, peças foram encenadas para custear a Revista Sul.....	33
019: A voz premiada de um mestre.....	34
020: Foto para ficar na história: grupo sul é homenageado na semana de letras da Universidade Federal de Santa Catarina.....	35
021: Salim Miguel tem livro traduzido para o francês	36
022: Curiosidades da moda: com ajuda da internet, o despretensioso e revelador questionário Proust volta a cena literária	37
023: A vã ilusão de poder mudar o mundo.....	39
024: Triste fim de uma livraria	40
025 Contracapa-Foto.....	41
026: Três livros em estágio de fazeção	42
ÍNDICE POR AUTOR.....	43
ÍNDICE POR JORNAL.....	45
ÍNDICE POR ANO	47

001: Dez do jabuti

SÁ, Sérgio De. Dez do jabuti. **Correio Braziliense**. Brasília, 6/ago./05, L2. Livros & literatura.

DEZ DO JABUTI

A Câmara Brasileira do Livro divulgou, na quinta-feira, os 10 finalistas das 17 categorias do Prêmio Jabuti. Da primeira lista da categoria Romance anunciada na internet constava o livro *Francisco Félix de Souza – Mercador de escravos*, do poeta e historiador Alberto da Costa e Silva (Nova Fronteira), depois incluído como o décimo primeiro título (exceção, portanto) da categoria Reportagem e Biografia e “substituído” por *Vista do Rio*, de Rodrigo Lacerda. Seria estranho que um livro de não-ficção entrasse, assim como seria lamentável que o de Lacerda ficasse de fora. De qualquer forma, ainda é de se notar a ausência de *O falso mentiroso* (Silviano Santiago) e *O enigma de Qaf* (Alberto Mussa). Em Contos e Crônicas, lamenta-se a não inclusão entre os finalistas de *Aberto está o inferno*, de Antonio Carlos Viana, que impressionou bons leitores país afora. Os três vencedores de cada categoria serão conhecidos no dia 30 deste mês. Confira aí três listas.

ROMANCE

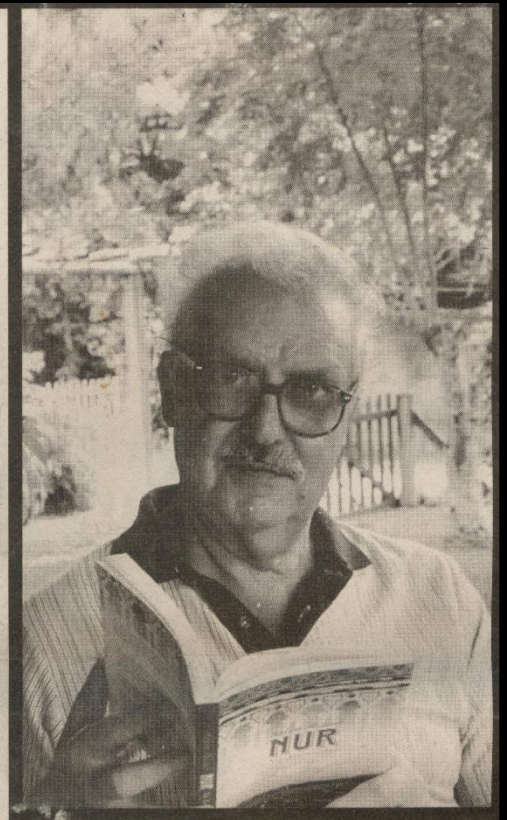
Vozes no deserto, de Nélida Piñon (Record)
Lorde, de João Gilberto Noll (Editora Francis)
O opositor, de Luis Fernando Verissimo (Objetiva)
Mare nostrum, de Salim Miguel (foto, Record)
O vestido, de Carlos Herculano Lopes (Geração Editorial)
Guerra em surdina, de Boris Schnaiderman (Cosac Naify)
O país dos ponteiros desconstruídos, de Flávio Moreira da Costa (Agora)
Santo Reis da luz divina, de Marco Aurélio Cremasco (Record)
O fotógrafo, de Cristóvão Tezza (Rocco)
Vista do Rio, de Rodrigo Lacerda (Cosac Naify)

CONTOS E CRÔNICAS

Urgente é a vida, de Alcione Araujo (Record)
Os lados do círculo, de Amílcar Bettge Barbosa (Companhia das Letras)
Paraísos artificiais, de Paulo Henriques Britto (Companhia das Letras)
Arquitetura do arco-íris, de Cintia Moscovitch (Record)
Crimes à moda antiga, de Valêncio Xavier (Publifolha)
Histórias mirabolantes de amores clandestinos, de Edgar Telles Ribeiro (Record)
Típicos tipos, de Frei Betto (A Girafa)
Paragens, de Roniwalter Jatobá (Boitempo)
A trama do silêncio, de Cleci Silveira (Movimento)
Conversas de amor, de Domingos Pellegrini (Record)

POESIA

Hidrias, de Dora Ferreira da Silva (Odysseus)
Poemas rupestres, de Manoel de Barros (Record)
Lavrado, de Reynaldo Valinho Alvarez (Myrrha)
Rua do mundo, de Eucanaã Ferraz (Companhia das Letras)
Pescados vivos, de Waly Salomão (Rocco)
Nômade, de Rodrigo Garcia Lopes (Lamparina)
O calcanhar da memória, de Luís Pimentel (Bertrand Brasil)
Cantares de outono ou os navios regressando às ilhas, de Artur Eduardo Benevides (Edição do Autor)
Brasileiro, de Antonio Riserio e Frederico Barbosa (Landy)
Todas as horas e antes, de Neide Archanjo (A girafa)



002: Contexto histórico e literário

LENHART, Felipe. Contexto histórico e literário. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 18/ago./05, pag. 1. Variedades

CULTURA

Contexto histórico e literário

Começa hoje e segue até 8 de setembro, sempre nas quintas-feiras, o ciclo de mesas-redondas sobre o Contestado

FELIPE LENHART

Começa hoje, às 19h30min, o ciclo de mesas-redondas *O Contestado na Literatura e na Historiografia*, em Florianópolis.

O evento é uma promoção da Academia Catarinense de Letras (ACL), onde ocorrerão os encontros, a cada quinta-feira, sempre no mesmo horário, até o dia 8 de setembro, em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC).

Na estréia da série de seminários, participarão como debatedores o professor Celestino Sachet e o

escritor Salim Miguel, sob a moderação de Lauro Junkes, presidente da ACL. O tema será *O Contestado e a Literatura*. Além disso, ocorrerá o pré-lançamento do romance *Burabas* (Editora Movimento, R\$ 37), de Adolfo Boss Júnior.

O acadêmico Sílvio Coelho dos Santos explica que o ciclo já deveria ter ocorrido no primeiro semestre deste ano, mas que a posse de mais um imortal, Francisco José Pereira, no dia 30 de junho, atrasou a organização do evento.

Nos da academia queríamos muito fazer um evento cultural que fosse mais aberto à comunidade, a exemplo daqueles promovidos pelo instituto histórico e



DANIEL COELHO DE OLIVEIRA/IMPRESSO



DIVULGAÇÃO/IC

EPISÓDIO: Evento marcante ocorrido em Santa Catarina será debatido por vários intelectuais como o acadêmico Sílvio Coelho (no detalhe)

geográfico. Então, fizemos uma comissão, formada por mim, o Carlos Alberto Corrêa, presidente do instituto, e o Celestino Sachet, para idealizar os seminários

sobre o Contestado, em duas perspectivas: a histórica e a literária – diz Santos.

Após tomada a resolução de que o Contestado (1911-1915) seria o assunto dos encontros que congregariam as duas entidades e dariam a oportunidade da sociedade ter acesso às discussões (o preço por participação, com direi-

to a diploma no fim do ciclo, é de R\$ 15), o acadêmico afirma que o objetivo da comissão foi valorizar pessoas e proporcionar novos enfoques sobre o tema. – Chamamos o Salim Miguel, que foi amigo de Guido Wilmar Sassi, autor de *Geração do Deserto*, um livro importantíssimo sobre o Contestado. O Salim foi seu amigo, conviveu muito com o Guido. Por outro lado, chamamos o Celestino para dar a visão do professor de literatura – afirma Santos.

Para o acadêmico, atividades como a do ciclo de seminários sobre um assunto tão importante para a história de Santa Catarina e até mesmo do Brasil podem servir de estímulo para o aparecimento de novos trabalhos sobre

o assunto.

O Contestado não teve um Euclides da Cunha, que o eternizasse e, literariamente, o transformasse num clássico que a cada ano ganha uma reedição. Como diz o cineasta Sílvio Back (que terá seu filme sobre o tema, *A Guerra dos Pelados*, exibida no dia 8 de setembro), parece que o Contestado não comove a *intelligentsia* brasileira – diz Santos.

Lembrando episódios em que a revolta popular se manifesta de maneira enfática, como nos recentes protestos contra os aumentos dos preços das passagens de ônibus da Capital, o acadêmico afirma que o Contestado foi uma questão social.

felipe.lenhart@diario.com.br

Programação

■ Dia 25/8

Historiografia da Guerra do Contestado

Presidente: Carlos Humberto Pedernheiras Corrêa

Participantes: Paulo Pinheiro Machado (UFSC) e Nilson Thomé (Universidade do Contestado)

Horário: às 19h30min

Local: Auditório da Academia Catarinense de Letras

■ Dia 1/09

O Contestado Como Tema Literário

Presidente: Edson Nelson Ubaldo

Participantes: Adolfo Boss Jr. e Donald Schüller

Horário: às 19h30min

Local: auditório da Academia Catarinense de Letras

■ Dia 8/09

Apresentação do filme Guerra dos Pelados, de Sílvio Back, seguido de debates

Presidente: Jali Meirinho

Participantes: Sílvio Back e Gilberto Gerlach

Horário: às 19h30min

Local: auditório do cinema N. S. do Desterro, no CIC.

As inscrições podem ser feitas durante a semana ou no dia do evento, no período da tarde, na sede da Academia Catarinense de Letras, no CIC, ou no Instituto Geográfico de Santa Catarina, no Palácio Cruz e Sousa (Praça XV de Novembro), ao preço de R\$ 15. Haverá certificado de participação para os inscritos e para os integrantes das mesas.

003: No caminho do Jabuti: Salim Miguel e Cristovão Tezza são indicados ao principal prêmio literário do Brasil

LENHART, Felipe. No caminho do Jabuti: Salim Miguel e Cristovão Tezza são indicados ao principal prêmio literário do Brasil. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 6/ago./05, pag. 3. Variedades/Cultura

LITERATURA

No caminho do Jabuti

Salim Miguel e Cristovão Tezza são indicados ao principal prêmio literário do Brasil

FELIPE LENHART

Dois escritores de Santa Catarina vão concorrer ao Prêmio Jabuti 2005 na categoria Romance: Salim Miguel e Cristovão Tezza. O primeiro com *Mare Nostrum - Romance Desmontável* (Record), e o segundo com *O Fotógrafo* (Rocco), ambos de 2004.

A professora Zahidé Lupinacci Muzart, da Editora Mulheres em conjunto com a editora da Universidade de Santa Cruz, concorre na categoria Teoria/Crítica Literária com o livro *Escritoras brasileiras do século XIX - vol II*. Professor do curso de História da UFSC, Paulo Pinheiro Machado concorre na categoria Ciências Humanas com o livro *Lideranças do Contestado*.

Os nomes dos três estão inscritos na relação da primeira fase da seleção do prêmio, divulgado na manhã de ontem. Ao todo, foram escolhidas 10 obras em 17 categorias de um total de 2.310 inscritas. No dia 30 deste mês, um júri definirá os três finalistas de cada categoria. Os melhores de cada disputa receberão R\$ 1,5 mil, e os autores do Livro do Ano (de ficção e não-ficção) receberão R\$ 30 mil cada um. A premiação ocorrerá no dia 20 de setembro.

Os outros oito escritores que disputam a categoria de romance são Nélida Piñon, com *Vozes do Deserto*, João Gilberto Noll, com *Lorde*, Luis Fernando Veríssimo, com *O Opositor*, Carlos Herculano Lopes, com *O Vestido*, Boris Schneiderman, com *Guerra em Surdina*, Flávio Moreira da Costa, com *O País dos Ponteiros Desencantados*, e Rodrigo Lacerda, com *Vista do Rio*.

O lageano Tezza ficou feliz de saber que seu romance, já premiado como o melhor de 2004 pela Academia Brasileira de Letras (ABL), está no páreo para o Jabuti, apesar de já ter passado pela experiência de concorrer e não levar em outros anos.

— Esta é a quarta vez que sou indicado ao prêmio, e nunca ganhei. Então, quando se trata de Jabuti, vou devagar com o andar — diz.

As outras três vezes em que Tezza concorreu ao prêmio foram com *O Fantasma da Infância* (1995), *Uma Noite em Curitiba* (1996), e *Breve Espaço Entre Cor e Sombra* (1999).

— Do ponto de vista de repercussão, *O Fotógrafo* tem sido o meu livro mais badalado, que há mais tempo está nas vitrinas e listas de mais vendidos. Mas, de fortuna crítica, *O Fantasma...* rendeu mais obras acadêmicas e resenhas críticas — disse Tezza.

O Fotógrafo conta a história de um profissional da fotografia que é contratado para retratar uma modelo, por quem acaba desenvolvendo laços (e desejos!) afetivos. Já o livro do libanês-biguacense Salim Miguel tem o mar como personagem central e traz figuras e personagens típicos do Litoral de Santa Catarina. A ênfase, claro, fica nas pessoas e paisagens da velha Biguaçu, mas o enredo

leva gente como Altimar a percorrer o mundo.

— Ter meu nome selecionado entre outros nove tão importantes para a literatura brasileira já é um prêmio. Daqui para frente, até a divulgação dos vencedores, é uma aventura — afirmou Salim.

Em 1999, *Nur na Escuridão* (Ed. Topbooks) recebeu o prêmio de melhor romance, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Em 2002, Salim ganhou o Juca Pato de Intelectual do Ano, da União Brasileira dos Escritores e *Folha de S. Paulo*.

— Ser finalista do Jabuti me deixa satisfeito, porque eu fico sabendo de que meu trabalho está sendo lido, apreciado e reconhecido. Quando a editora me disse que estava inscrevendo o livro para o Jabuti, fiquei meio receoso, achando que não teria chances. Mas, depois, reconsiderei, porque se eu escrevi, decidi publicar e a editora publicou, é porque tem alguma qualidade — disse o escritor.

felipe.lenhart@diario.com.br

Principais categorias

TEORIA/CRÍTICA LITERÁRIA

Trincheira, Palco e Letras
Antonio Arnoni Prado - Cosac e Naify
Mistérios do Dicionário
João Alexandre Barbosa - Ateliê Editorial
Escritoras Brasileiras do Século XIX
Volume II
Zahidé Lupinacci Muzart - Editora Universidade de Santa Cruz do Sul e Editora Mulheres
Artesanatos de Poesia
Mário Faustino - Cia das Letras
Os Leitores de Machado de Assis
Hélio de Seixas Guimarães - Edusp
A Dimensão da Noite
João Luiz Lafeta - Editora 34
Guimarães Rosa; Profecias, Margens Passadas
Marli Fantin - Editora Senac São Paulo
A Memória das Coisas
Maria Esther Maciel - Lamparina Editora
Sob a Pele das Palavras: Dispersos
Celso Cunha e Cilene da Cunha Pereira - Nova Fronteira
10ª Minoridade Crítica
Luis Antonio Giron - Ediuoro

ROMANCE

Vozes no Deserto
Nélida Piñon - Editora Record
Lorde
João Gilberto Noll - W11 Editores
O Opositor
Luis Fernando Veríssimo - Objetiva
Mare Nostrum
Salim Miguel - Editora Record
O Vestido
Carlos Herculano Lopes - Geração Editorial
Guerra em Surdina
Boris Schneiderman - Cosac e Naify
O País dos Ponteiros Desencantados
Flávio Moreira da Costa - Agir Editora
Santo Reis da Luz Divina
Marco Aurélio Cremasco - Editora Record
O Fotógrafo

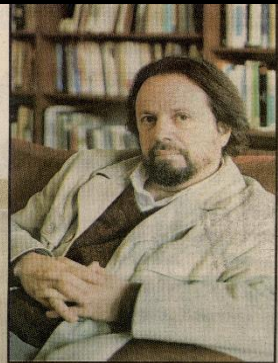
Cristovão Tezza - Editora Rocco
Vista do Rio
Rodrigo Lacerda - Cosac e Naify

POESIA

Hidrias
Dora Ferreira da Silva - Odisseus Editora
Poemas Rupestres
Manoel de Barros - Editora Record
Lavradio
Reynaldo Valinho Alvarez - Myrtha Comunicação
Rua do Mundo
Eucanaã Ferraz - Cia das Letras
Pescados Vivos
Waly Salomão - Rocco
Nômade
Rodrigo Garcia Lopes - Lamparina Editora
O Calcanhar da Memória
Luis Pimentel - Editora Bertrand Brasil
Cantares do Outono ou os Navios Regressando as Ilhas
Artur Eduardo Benevides - Artur Eduardo Benevides
Brasileiríssimo
Antonio Riserio e Frederico Barbosa - Landy Livraria Editora e Distribuidora
Todas as Horas e Antes
Neide Archanjo - A Girafa

CONTOS E CRÔNICAS

Urgente é a Vida
Alcione Araújo - Editora Record
Os Lados do Círculo
Amikar Bettiga Barbosa - Cia das Letras
Paraísos Artificiais
Paulo Henrique Brito - Cia das Letras
Arquitetura do Arco-Íris
Cintia Moscovitch - Editora Record
Crimes à Moda Antiga
Valêncio Xavier - Publifolha
Histórias Mirabolantes de Amores Clandestinos
Edgard Telles Ribeiro - Editora Record
Típicos Tipos



TEZZA: Autor do romance *O Fotógrafo*

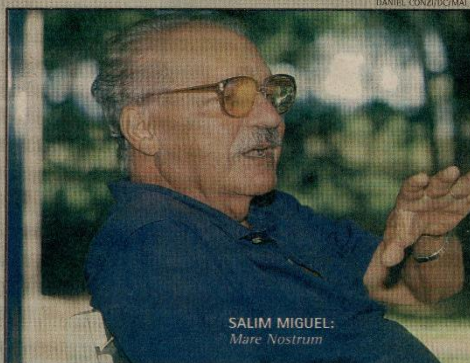
Frei Betto - A Girafa
Paragens
Roni Walter Jatobá - Boitempo
A Trama do Silêncio
Cieci Silveira - Editora Movimento
Conversas de Amor
Domingos Pellegrini - Editora Record

INFANTIL

Muito Capeta
Angela Lago - Cia das Letras
Nau Catarineta
Roger Mello - Manati Produções Editoriais
Rola Rola
Cliza - Nova Fronteira
O Cachecol
Lia Zatz - Editora Biruta
Moda - Uma História Para Crianças
Kátia Canton - Cosac e Naify
Pé de Sapo e Sapato de Pato
Bartolomeu Campos de Queirós - Editora do Brasil
A Moça Tecelã
Marina Colasanti - Global Editora
A Raça Perfeita
Angela Lago e Gisela Lotufo - Projeto
Palmas para João Cristiano
Ana Maria Machado - Mercuryo Jovem
A Caatinga / Diário de Viagem / Guia do Viajante
Rubens Matuck - Editora Biruta

REPORTAGEM E BIOGRAFIA

Viúvas da Terra
Klester Cavalcanti - Editora Planeta
Maldição e Glória
Carlos Maranhão - Cia das Letras
Círculo Nerino
Verônica Tamaoki e Roger Navazzini - Codex
O Dia em que Getúlio Matou Aliende
Flávio Tavares - Editora Record
A Mentira das Urnas
Maurício Dias - Editora Record
Crônica de uma Guerra Secreta
Sergio Correa da Costa - Editora Record
Basta
Joaquim de Carvalho - A Girafa
Castello
Lira Neto - Editora Contexto
A Fantástica Volta ao Mundo - Registros e Bastidores de Viagem por Zeca Camargo
Zeca Camargo - Editora Globo
Domingos Caldas Barbosa
José Ramos Tinhorão - Editora 34
Francisco Félix de Souza
Alberto da Costa Silva - Nova Fronteira



SALIM MIGUEL:
Mare Nostrum

Veja a lista completa dos concorrentes em todas as categorias em www.clicRBS.com.br



004: Pintura e literatura integradas em mostra

PINTURA e literatura integradas em mostra. **A Notícia**. Joinville, 16/abr./05, pag. 12. Lazer



Exposição da artista plástica Narcisa Amboni traz quadros inspirados em escritores

Pintura e literatura integradas em mostra

A pintura e a literatura são cúmplices na exposição *Leitura em Cores*, da artista plástica Narcisa Amboni, que pode ser visitada no Espaço Cultural Escola Aberta, no térreo da Secretaria de Estado de Educação e Tecnologia, em Florianópolis. São 11 telas em acrílico, inspiradas em textos de escritores catarinenses reunidos na obra *Antologia Um Dedo de Prosa*, lançado recentemente.

Narcisa leu a obra de todos os autores para conceber o diálogo entre as letras e as formas. Desta forma, selecionou cenas marcantes de contos, crônicas, romances e poesias em sua homenagem singular à literatura catarinense. Um varal literário faz alusão à militância cultural do início da trajetória do poeta Alcides Buss. O escritor e o galo trazem o imaginário de Cristovão Tezza. A paisagem litorânea que integra o homem e o mar reverencia Flávio José Cardozo, por meio do conto "Malvina Queluz, Fugaz como um peixe". A criança da favela transpõe para a tela a literatura infantil de viés social de Maria Lourdes Krieger. Os imi-

grantes libaneses de olhar assombrado em "Nur na escuridão" reverenciam o premiado romance de Salim Miguel. Para homenagear Silveira de Souza, Narcisa faz referência à leitura que o contista realiza da obra de Kafka, em "Metamorfose".

A geração politizada dos anos 60 está representada em uma tela em preto e branco de um preso sob a mira da repressão. A obra é uma releitura de "O burguês engajado", de Olsen Jr. Quatro personagens em um clima azul noturno, aludem ao romance "Quadrilátero", de Adolfo Boss. Na interpretação de "O Detetive de Florianópolis", a artista situa a narrativa policial de Jair Hamms no cenário da Capital, com o Mercado Público ao fundo. A mulata com dois umbigos, espelhadas nas lagoas da Conceição e do Peri, materializa a releitura da obra de Sérgio da Costa Ramos, aficcionado pela analogia entre as formas da mulher e o desenho sensual da Ilha de Santa Catarina. A mostra pode ser visitada até o dia 30 de abril, na rua Antônio Luz, 111, centro.

005: O Tempo é o senhor da razão

BUSS, Deluana. O Tempo é o senhor da razão. A Notícia. Santa Catarina, 20/mar/05, pag. C4 e 5. Anexo.

O tempo é o senhor da razão

Autores
catarinenses que se aproximam ou já passaram dos 80 anos falam de suas experiências de vida, da perspectiva de morte e de literatura

DELUANA BUSS

Florianópolis — Quando eles nasceram, a Primeira Guerra Mundial tinha acabado de terminar. Eram crianças quando o mundo enfrentou a crise de 1929, e adolescentes quando a segunda grande guerra mudou a vida de milhares de pessoas. Viram surgir a bossa nova, os hippies, o festival de Woodstock. Viram a estreia da TV no Brasil e, mais tarde, por meio dela, o homem pisando na lua pela primeira vez. Viram cair o muro de Berlim, assim como a ditadura militar chegar, machucar, matar e morrer no Brasil. Viram John Kennedy ser assassinado a tiros de fuzil na cabeça. Eram crianças quando a morte

Guilherme Torres

Leatrice Moellmann
Nascimento: 22 de abril de 1925
Natural de Florianópolis
Algumas obras: "Contos de Amor", "Cantos Ariscos", "Antomulher"

Leatrice Moellmann:
"Sou uma mulher ardente"

Com saúde, terceira idade não é ruim

O maior sonho de Almiro Caldeira, 84 anos, ele já realizou: ser escritor. Com 19 livros no currículo, ele prepara agora uma novela na qual o cenário, as situações e os personagens, reais e ficcionais, vivem na Florianópolis dos anos 1970 a 1980. O uso de uma base histórica em suas obras

Solim Miguel
Nascimento: 30 de janeiro de 1924
Natural de Kfarpatoun (Libano)
Algumas obras: "Velhice e Outros Contos", "A Morte do Tenente e Outros Mortes", "Nur na Escuridão"

pisando na lua pela primeira vez. Viram cair o muro de Berlim, assim como a ditadura militar chegar, machucar, matar e morrer no Brasil. Viram John Kennedy ser assassinado a tiros de fuzil na cabeça. Eram crianças quando a ponte Hercílio Luz, na Capital, estava "luzindo" de nova, e alguns, já vovós quando ela foi fechada para o tráfego de carros. Viram o telefone celular surgir e virar objeto quase imprescindível, e observaram suas máquinas de escrever ficarem obsoletas, dando lugar aos computadores e à enurrada de informações da Internet.

Todos que vieram ao muncão na década de 1920 passaram basicamente pelas mesmas transformações. Mas, no meio dessa massa de viventes, alguns tiveram uma irresistível atração pelas palavras. E as usaram para, de uma maneira ou outra, escrever sobre os mesmos assuntos vivenciados por todos, só que de uma maneira vivida apenas por eles, sob a ótica deles. Libânês naturalizado brasileiro, Salim Miguel, 81 anos, gosta de contar que começou a amar as letras quando ainda era uma criança lá em Biguaçu, cidade da Grande Florianópolis onde passou a infância e adolescência. Atualmente morando em Florianópolis, onde se divide entre o apartamento na Carvoeira durante o inverno e a casa de praia na Cachoeira do Bom Jesus no verão, Salim tem 25 livros publicados no currículo. O primeiro — grande coincidência! — é também o último. "Velhice e Outros Contos", que foi o livro de estreia, em 1951, pela Edições Sul, acaba de ganhar nova e caprichada edição, agora pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

O livro, que na nova edição não teve seus textos mudados para mostrar exatamente "a visão da época em que foi escrito", tem já no título um dos quatro temas constantes na obra do escritor: velhice, morte, tempo e memória. "Eu sempre fui preocupado com esses temas, desde seis, sete anos. A morte é inevitável, quem nasce um dia morre. Tudo o mais a gente resolve, a doença, o desacerto familiar, os problemas do País, mas a morte não", diz, completando que seu sonho é ter mais alguns anos com saúde e capacidade de trabalho, para poder tocar adiante novos projetos de livros, além, claro, de viver um pouco mais com a família. "Não tenho queixas, todos já estão encaminhados. Mas quero ficar um pouco mais por esse lado".

Se a morte não tem solução, os textos têm. Com o passar das décadas, Salim começou a ficar mais e mais crítico com seus próprios escritos. Nas últimas páginas que escreveu, dedicou à revisão o dobro do tempo gasto na confecção. "Fui me tornando cada vez mais rigoroso comigo mesmo. Não me satisfaço com a primeira versão, apesar desse primeiro já ter gostoso como um orgasmo, e reescrever e cortar ser uma luta, porque cortamos algo que veio de dentro". Na avaliação do próprio Salim, muitos escritos antigos seus poderiam ser "tesourados". "Meu primeiro livro tem contos muito longos, daria para tirar um terço", avalia. O que mudou de lá para cá no seu jeito de escrever? "Passei a enxugar meus textos, a

Alguns anos
Contos, "A Morte do Tenente e
Outros Mortes", "Nur na Escuridão"

cada livro fui trabalhando mais", esclarece. Foi assim com "Nur na Escuridão" (TopBooks), sucesso de público e crítica que já está indo para a quinta edição. O último capítulo foi reescrito oito vezes. "Era um acontecimento marcante, a morte do patriarca da família. Não queria que ficasse seco nem derramado", explica.

"Nur", de 1999, acabou se transformando no livro mais vendido de Salim, que credita o sucesso à maior empatia com os leitores, que teriam gostado do texto fluido. O próprio autor admite que escreveu algumas obras que exigiam bastante empenho de seus leitores, como o romance "A Voz Submersa", publicado em 1984 pela editora Global. O texto, sobre uma mulher que não consegue se comunicar, é o diálogo de alguém com a mãe, só que as respostas da mãe não aparecem, ou seja, acabou virando um monólogo onde o que se pode fazer é imaginar as respostas. Tudo se passa em 126 páginas, sem pontos nem vírgulas. "Dos meus livros, é o mais difícil", admite.

AUTOCRÍTICA

Altamente crítico, Salim também não tem papas na língua para condenar. Seu livro de histórias "Alguns Gentes", publicado pela Edições Sul em 1953, é considerado uma porcaria, segundo suas próprias palavras. "Se pudesse, queimava todos os exemplares", garante, rindo. Mas foi só depois do romance "Rede", publicado pela mesma editora em 1955, que Salim achou que o negócio não estava bom e que o melhor era dar uma parada para repensar sua maneira de escrever. "Fiquei 18 anos sem publicar um livro. Eu escrevia e rasgava", recorda. O retorno aconteceu com "O Primeiro Gosto", volume de contos publicado pela editora Movimento em 1973. "Não me satisfaz". Nova parada e, seis anos depois, em 1979, saía "A Morte do Tenente e Outras Mortes", pela Editora Antares. "Foi um livro pensado, repensado e trabalhado, e acabou sendo escolhido como o melhor livro de contos do ano", diz. Com o caminho reencontrado, Salim não parou mais.

A dificuldade atual do escritor é com a visão. Como enxerga muito pouco, não consegue mais ler. Para escrever, fez uma adaptação no computador. Passa quase cinco horas por dia escutando música. Também gosta de estar com os familiares e com os amigos. "Tenho muitos conhecidos mas poucos amigos", diz. Quando está na casa de praia, é sagrada a caminhada matinal pela areia, sempre com a companhia Eglê Malheiros. "Estamos juntos há 58 anos. Ter conhecido Eglê foi a maior sorte de minha vida. Às vezes caminhamos sem trocar uma palavra. Ela sempre sabe se estou aborrecido, tenso, ou preparando um conto".

Salim Miguel:
"Fiquei 18 anos sem publicar um livro. Eu escrevia e rasgava"

como, me preparei para uma novela no qual cenário as situações e os personagens, reais e ficcionais, vivem na Florianópolis dos anos 1970 a 1980. O uso de uma base histórica em suas obras é uma constante. Seu primeiro livro, "Rocamarinha" (1961), fala sobre a travessia do Atlântico pelos casais açorianos no século 18. Já o último, "A Estrela da Tempestade", publicado em 2002, se passa em 1839 e tem por tema a República Juliana, contando a história de heroísmo, aventura e amor de Giuseppe e Anita Garibaldi.

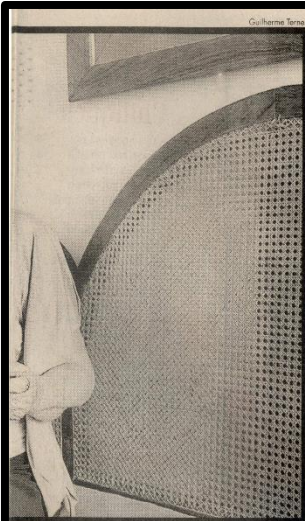
Caldeira mora em Porto Alegre. Tem três filhos, seis netos e seis bisnetos. "A família nos oferece autoconfiança, valorização pessoal, acolhida, compreensão, apoio", acredita. Questionado sobre a melhor época de sua vida, diz que "foi a da mocidade, como todos ao chegarem à velhice. Se bem que a terceira idade com saúde não é, em si, má e infeliz condição", afirma. Ele começou a escrever aos 16 anos, fazendo jornalismo. "Depois criei a primeira agência de propaganda em Santa Catarina e uma das primeiras no Brasil. Mais tarde produzi, entre 1949 e 1952, programas de rádio. 'Prenha Minha' era de folclore ilhéu, e 'Lendas de Todo o Mundo' era um radioteatro. O mais difícil foi começar a escrever contos e novelas, pois me faltava vocabulário. Tive de aprender palavras em português como se fossem de um idioma estrangeiro", recorda. Sobre os sonhos, diz que já realizou todos. "Modestamente os formulei e plenamente consegui torná-los realidade. Não tenho de que me queixar", completa.(DB)

Arquivo AN 22/8/2002



Almiro Caldeira
Nascimento: 6 de março de 1921
Natural de Florianópolis
Algumas obras: "Rocamarinha",
"Morte Alta", "Em Busca
de Terra Firme"

Almiro Caldeira:
"A família nos oferece autoconfiança, valorização pessoal e acolhida"



Guilherme Ternes

Leonor Scliar-Cabral
Nascimento: 20 de maio de 1929
Natural de Porto Alegre (RS)
Algumas obras: "Em Busca da
Poesia", "Introdução à
Linguística", "Sonetos"



Oswaldo Nacarati

Nenhum dia sem produzir é o lema

Depois que perdeu o marido em 1989, vitimado por um câncer no pulmão, a escritora Leatrice Moellmann, 79 anos, resolveu que era hora de mudar e deixar no passado os anos de sofrimento decorrentes da convivência com a doença. A mudança foi literal. Viajou para o Rio de Janeiro e lá, durante quatro meses, fez cirurgias plásticas "da cabeça aos pés". A Leatrice repugna-da começou a viajar pelo mundo, e hoje já contabiliza passeios em 14 transatlânticos. Todo ano vai para a Europa, e a última viagem, quando passou de carro pela Itália, Suíça,

Leonor Scliar-Cabral:
"A mulher tem de se assumir mais como porta-voz do erotismo"

Envelhecimento, amadurecimento e reflexão

A escritora Leonor Scliar-Cabral, 75 anos, tem duas facetas. A primeira é a da poetisa, que inclusive prepara mais um livro, desta vez uma retrospectiva de sua infância em Passo Fundo (RS). A segunda é a da psicolinguísta, que publicou livros como "Guia Prático de Alfabetização" e "As Ideias Linguísticas de Mário de Andrade". Moradora de uma casa no bairro João Paulo, em Florianópolis, Leonor, que é a presidente de honra da Sociedade Internacional de Psicolinguística Aplicada, tem viajado bastante devido a esta faceta de cientista. "Se não tivermos leitores, não adianta escrever. O Brasil tem 63% de analfabetos funcionais. É muita coisa. Quero contribuir para baixar esse índice", diz.

Apixonada pela linguagem, Leonor também gosta de fazer traduções. Ela já traduziu a obra completa do poeta argentino Jorge Luis Borges, e passou para o francês os poemas de Cruz e Sousa. "É um dos instrumentos mais importantes para aprimorar o ofício de escrever. É uma relação muito íntima, pois percorremos o caminho feito pelo autor", avalia. Prima do escritor gaúcho Moacir Scliar, Leonor tinha dois anos e meio quando a mãe deixou a família. Foi cria-

da pela tia até o pai casar novamente. Mãe de três filhos, tinha 42 anos quando saiu de Porto Alegre e foi para São Paulo, onde passou dez anos antes de se mudar para Florianópolis. Pouco antes, em 1978, teve de enfrentar o suicídio da irmã Esther, compositora. Até hoje Leonor sofre com a falta dela, presença constante em suas poesias. Hoje, Leonor acredita que está mais paciente com as pessoas, compreende melhor os seus sofrimentos. "O envelhecimento traz amadurecimento, reflexão", diz. Lançado em 1998, um de seus livros de maior repercussão, "De Senecrute Erotica", que aborda o tema ainda tabu do erotismo na terceira idade, mostra bem esse amadurecimento. "A mulher tem de se assumir mais como porta-voz do erotismo. Esse tema, quando tratado pela mulher, ainda é meio tabu. As pessoas acham que a autora está se expondo, e existe o mito de que a mulher não poderia ter iniciativa. No meu caso, que além de mulher ainda sou mais velha, também existe o mito de que depois de certa idade a pessoa perde a sexualidade, o interesse", afirma, completando que seus poemas tocaram os leitores não por tratarem de erotismo, mas, sim, porque têm emoção. (DB)

hoje já conhecemos passagens por 11 transatlânticos. Todo ano vai para a Europa, e a última viagem, quando passou de carro pela Itália, Suíça, França e Alemanha, onde procurou antepassados não encontrados, rendeu um diário que deverá vir livro. Alegre e falante, namora "escondido" um homem 30 anos mais novo, para quem faz poesias. "Sou uma mulher ardente", diz ela depois de declamar os versos de um poema no qual enaltece os braços fortes do amado.

Leatrice é assim, sem meias palavras. Filha de uma família tradicional da cidade, casou pela primeira vez aos 17 anos. "Era uma boia. Dei com a cara na parede", resume. O desquite litigioso demorou anos, mas acabou saindo. Seu segundo marido, Romano Pagani, que morreu de câncer, foi a grande paixão de sua vida, e teve com ele os filhos Romano Augusto e Márcia. Mulher apaixonada, passa para seus escritos o amor que sente pela vida. Entre seus livros estão os poemas de "Confissões de Amor" e "Depois do Verão", e o romance "Gatos Anísios". Também investiu em dobraduras, maneira simples e mais barata de divulgar sua poesia.

Além de viajante contumaz, Leatrice é escritora compulsiva. "Vou anotando tudo na agenda, de caneta mesmo. Depois minha secretária passa tudo para o computador", conta ela enquanto mostra algumas lembranças de suas viagens instaladas nas prateleiras do apartamento no centro de Florianópolis. Um de seus orgulhos é a medalha que ganhou na Itália com o poema sobre Anita Garibaldi. Outro é o poema "Sedução", que inclusive virou nome do livro onde reúne poemas antigos e novos, "principalmente sonetos e decassílabos". "Esse poema é o meu carro-chefe, calou fundo nas pessoas", elogia antes de declamar um trecho do mesmo.

Atualmente tendo como lema "nenhum dia sem produzir", Leatrice tem passagens curiosas no currículo. Durante dez anos viveu em Brasília, depois que passou num concurso para taquígrafa no Supremo Tribunal Federal. Uma viagem para a Itália para ver um namorado "porra-oca" resultou em livro. E para os Estados Unidos diz que não volta, pois uma vez, já depois dos atentados de 11 de setembro, foi barrada e reatada no aeroporto. "Se eles entendessem português, eu estava presa até hoje", diverte-se. (DB)

QUANDO GARIBOLDI MORREU, LEATRICE TINHA DOIS ANOS E MEIO QUANDO A MÃE DEIXOU A FAMÍLIA. FOI CRI-

ADA NA ILHA DE SANTA CATARINA, MAS, SIM, PORQUE TEM EMOÇÃO. (DB)

Viver plenamente para não se arrepender

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que a saúde de Júlio de Queiroz, segundo ele mesmo, vai muito bem, obrigado. Aos 79 anos, em sua casa com vista para o mar, na Prainha, região central da Capital, o escritor tem lidado quase diariamente com os assuntos doença e morte. Nada que o desagrade. Na verdade, mais parece uma cruzada onde o objetivo é mostrar que o ato de morrer deve ser encarado com naturalidade. Há dez anos ele tem feito palestras para idosos sobre como viver a terceira idade e também para pessoas que trabalham como doentes ter-

minais, abordando temas como "o que penso sobre minha morte" e "formas diferentes de morrer". O último de seus 14 livros, "Além das Cortinas da Alzheimer" (Editora Insular), foi lançado em dezembro e mostra o sofrimento de alguém que começa a agir desorientadamente, vendo seu corpo não funcionar tão bem quanto antes, ao mesmo tempo em que começa a crescer espiritualmente.

"Devemos viver plenamente o dia de hoje, para não nos arrependermos quando chegar a hora de ir", diz, rindo, enquanto leva lambidas de seu *poodle* Wazke. Queiroz afirma que, na literatura, a morte é um assunto básico. "A cultura ocidental fez um processo para escondê-la. Ela já foi encarada como prêmio durante o cristianismo inicial, e na idade média, quando se tinha a notícia de que alguém ia morrer, o padre visitava, as pessoas acompanhavam, o morrente se despedia de todos. Hoje se escondeu o morrer. Os doentes ficam envergonhados nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), encubados, num sofrimento continuado que todos sabem inútil, e não deixam o morto morrer", diz.

BONDADE

Para Queiroz, existe um teatro hipócrita em torno da doença terminal. "Temos de reaprender a morrer, temos de berrar 'estão roubando a minha morte'", defende. Ele cita uma pesquisa da médica Elizabeth Kübler-Ross, que trabalhou na Iugoslávia e mora nos Estados Unidos, que verificou que os parentes não aceitam uma doença terminal, os médicos não aceitam "perder" o paciente, e os doentes em si queriam falar sobre o que os alivia. A médica identificou cinco etapas da relação entre o paciente e sua doença terminal: descrença, repúdio, depressão, chantagem espiritual e aceitação do morrer. "Não tem período nem ordem para elas se manifestarem", conta o escritor.

Defensor de uma morte "às claras", Queiroz afirma que hoje ela é escondida de tal maneira que as crianças não são levadas nem para ver a morte da avó. "Para o idoso, é mais um sofrimento saber que vai morrer escondido. As pessoas têm direito ao luto, a sentir saudades. Hoje é tudo tão urbano que não existe mais contato com a morte. Antes pelo menos elas viam os bichos do campo morrerem", avalia o escritor. Sobre ele mesmo, afirma que quando chegar a hora, vai encarar a morte numa boa. "Eu era muito crítico, bom de dar resposta malcriada. Agora estou mais filosófico e, espero, mais bondoso", completa. (DB)

Júlio de Queiroz:
"Temos de reaprender a morrer, temos de berrar 'estão roubando a minha morte'"



Júlio de Queiroz
Nascimento: 18 de fevereiro de 1926.
Natural de: Alegre (ES).
Algumas obras: "Umás, Passageiras, Outras, Crônicas", "Breve Ato", "Além das Cortinas da Alzheimer"

Osvaldo Naceti 12/4/2004

006: Catarinenses se destacam na feira do livro de Joinville: Salim Miguel é um dos autores na programação deste sábado

CATARINENSES se destacam na feira do livro de Joinville: Salim Miguel é um dos autores na programação deste sábado. A **Notícia**. Santa Catarina, 9/abr./05, pag. C3.



Oferta diversificada com preços mais acessíveis atrai público de feira do livro, que programa especial para crianças (abaixo)

Catarinenses se destacam na Feira do livro de Joinville



Salim Miguel é um dos autores na programação deste sábado

Joinville — Os estandes da 2ª Feira do Livro de Joinville só abriram às 9 horas de ontem, antes disso, porém, já se percebia o movimento de curiosos em torno da praça Nereu Ramos, no centro da cidade. Para esta segunda edição foram montados cerca de 60 barracas, nas quais serão comercializados livros a preços especiais, promovidas sessões de autógrafos e lançamentos de obras dos diversos gêneros literários e outras atrações, como narração de histórias, apresentações de dança e teatro.

A expectativa dos organizadores é de que, em dez dias, 60 mil pessoas passem pela praça e aproveitem as ofertas e os 20% de desconto sobre o preço de capa dos volumes em exposição. Outra opção são os títulos mais populares, a partir de R\$ 1,00, e os sebos, que, de forma democrática, compartilham espaço ao lado das editoras. Para garantir o acesso de maior público, a organização montou agenda com as escolas da rede pública e particular e disponibilizou ônibus para o transporte dos estudantes.

Dentro da programação, ocorre o concurso "Nossa Leitura", voltado às escolas da região e integrado ao Programa Institucional de Incentivo à Leitura (Proler) com o objetivo de enfatizar a importância da leitura compartilhada do educador, por meio de atividades que serão realizadas durante a feira.

Entre os autores catarinenses, estão confirmadas as presenças de Salim Miguel, que autografa, hoje, duas obras recentes: "Maré Nostrum"

e "Gente da Terra". O primeiro título é um romance de 19 textos que têm o mar como principal protagonista. O segundo reúne perfis de personagens catarinenses, autores e análises literárias. Com 25 livros publicados, Salim Miguel é um dos nomes mais expressivos da literatura catarinense. Em maio, ele participa da Bienal do Livro, no Rio de Janeiro.

Ainda hoje, pela manhã, Guilherme Meneguelli e Walter José de Borba Neto, de Balneário Camboriú, lançam a obra "Feijão com Arroz — O Retrato de Nossas Consciências", que conta a história de milhões de brasileiros e brasileiras que vivem como coadjuvantes da cena nacional, mas ao mesmo tempo são os protagonistas da realidade do País. São imagens captadas através de observações do cotidiano regional e de viagens por diversas regiões brasileiras. A obra apresenta influência de Sebastião Salgado, inteiramente formada por imagens em preto e branco. Guilherme é graduando do curso de ciências sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atua como designer gráfico. Walter é estudante do curso de relações internacionais da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e servidor público na Prefeitura de Balneário Camboriú.

O jornalista Luiz Antônio Soares autografa "Fatos e Relatos Pitorescos", no final da tarde de hoje. O trabalho reúne mais 200 histórias engraçadas e verídicas, envolvendo fatos e personagens reais de Santa Catarina. Ontem à noite, outro jornalista e escritor, Fernando Pinto apresentou ao público "Memórias de um Repórter", que traduz parte de sua trajetória no jornalismo.

■ O QUE: 2ª FEIRA DO LIVRO DE JOINVILLE. QUANDO: Até dia 17, 9 às 21h. ONDE: Praça Nereu Ramos, rua do Príncipe, centro, Joinville, tel.: (47) 422-1133. QUANTO: Gratuito.

PROGRAMAÇÃO DE HOJE

Atrações da 2ª Feira do Livro de Joinville

9 horas - sessão de autógrafos de "Feijão com Arroz - O Retrato de Nossas Consciências", com Guilherme Meneguelli e Walter José de Borba Neto

10 horas - homenagem ao grupo Cordão

10 às 12 horas - Lançamento "Sobrevoando o Passado", de Coronel Flávio

14h30 às 16 horas - sessão de autógrafos de "Maré Nostrum" e "Gente da Terra", com Salim Miguel

14h30 - Contação de histórias, Escola Anna Maria Harger

16 horas - Apresentação do grupo Street Dance Fúria das Ruas, Colégio Celso Ramos

— sessão de autógrafos de "Pele Submersa", com Rita de Cássia Alves

17 horas - sessão de autógrafos de "Anita

Garibaldi - A Vida de uma Heroína", estande Editora Anita Garibaldi

17h - sessão de autógrafos "Histórias e Lendas de São Francisco do Sul", com Ângela Cristina da Silva

17h30 - sessão de autógrafos de "Coleção

Prosas & Versos" - volume 1, 2 e 3 e divulgação do volume 4, com Terezinha Manczak

18 horas - sessão de autógrafos de "Fatos e Relatos Pitorescos", com Luiz Antônio Soares

19 horas - apresentação da peça "Acordel que Sonhava", com Núcleo Bartolomeu de Depoimentos

20 horas - Sessão de autógrafos de "Mostrando a Língua — Crônica Sobre Linguagem", com Hilton Gorrensén

007: Carta a Salim Miguel

JUNIOR, Olsen. Carta a Salim Miguel. A Notícia. Santa Catarina, 20/maio/05, pag. C3. Anexo.

1 Carta a Salim Miguel

Salve, escritor. O sábado poderia ser mais um naquela feira, quando você apareceu com o neto. Uma parada no estande da Fundação Catarinense de Cultura (FCC). Um papo com o escritor Paulo Ramos Derengoski e o professor Paulo Cesar Campos. Conversa agradável e cheia de referências culturais.

Depois, o grupo se dispersou e permanecemos ali, nós dois, conversando. Sempre oferecemos, além dos livros e do espaço para exposição, alguns bombons recheados com licores àqueles que nos visitam. Foi só quando se despediu, que você lembrou de comer o seu, que segurava entre as mãos durante todo o tempo do bate-papo. Você mostrou indignação quando soube que eu não tinha sido (re)aproveitado naquela "reforma" na FCC, e fez questão de registrá-la na ocasião para quem quisesse ouvir.

Questionado sobre o que fazia ali, afirmei que era por absoluto amor aos livros, também por ser um compromisso já assumido. Mais tarde, sozinho, pensei nestes 30 anos que nos conhecemos. Nunca foram de muita intimidade. É verdade que sempre fizemos o que prometemos um ao outro. Na revista "Ficção" você nunca publicou nada meu, é verdade também que nunca lhe enviei texto algum. Talvez esperasse um convite, mas a minha agressividade na época não era de se permitir tal iniciativa.

Você me apoiou na criação da Editora da Furb. Indagado como eu era, respondi que detestava toda a papelada, e você ponderou que iríamos nos dar bem, porque você também a detestava. A coisa funcionou porque sempre honramos o combinado. Teve o incidente com o brasileiro Malcolm Silvermann, em que entrei de gaiato. Era só para avisar a reitoria da Furb que na data "x" ele estaria em Blumenau, foi o que fiz, com o escritor José Endoença Martins de testemunha. No dia do evento, não havia público algum,

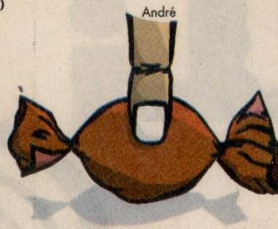
porque o "responsável" tinha esquecido. Tudo se resolveu, fiz uma boa entrevista para o jornal "Acadêmico", não era culpa tua, mas ficou "entalado". Outra vez, foi o encontro com o escritor Esdras do Nascimento e a obra "Variante Gotemburgo". Como ex-campeão universitário de xadrez, li o romance sem encontrar nada que justificasse o título, aliás, em cima de uma partida entre Bob Fischer e Boris Spasski (em 1972). Discutimos e fui agressivo...

Finalmente, a antologia de contos, edição bilingue que deveria integrar os países do Mercosul, na área cultural e que você foi o organizador. A obra seria paga pelo governo da época (PMDB e egressos da campanha) e o meu nome foi vetado. Você argumentou que "não era uma amizade fácil, mas como escritor, não podia ser ignorado". "Eles" mantiveram o veto e você, magnanimamente, pediu para se afastar da organização do livro, e também retirou o conto.

Mais tarde, quando a notícia veio a público, via coluna de Moacir Pereira, outros escritores (Raul Caldas Filhos, Francisco Pereira, Ricardo L. Hoffmann, Jair Francisco Hamms, Silveira de Souza, Flavio José Cardozo) também retiraram os textos, e o projeto foi abortado. Sou grato por atitudes de renúncia, em que nos privamos de algo para manter uma ética, que afinal, é o que nos distingue de outros animais. Nunca escondi de ninguém tal reconhecimento, porque também sou assim e a verdade acaba aparecendo...

Você afirmou que iria comprar livros para o teu neto, mas ele não ouviu tal confissão. Agora, deixa eu te confidenciar, enquanto você comia o bombom, chamei o garoto num canto, e bem baixinho, disse para ele aproveitar... Sempre há um tempo para um novo tempo. Obrigado por ter me facultado esta compreensão. Um abraço.

■ OLSEN JR., escritor



008: Uma lembrança da infância

BUSS, Deluana. Uma lembrança da infância. **A Notícia**. Santa Catarina, 30/jul/05, pag. 12 e 13. Capa

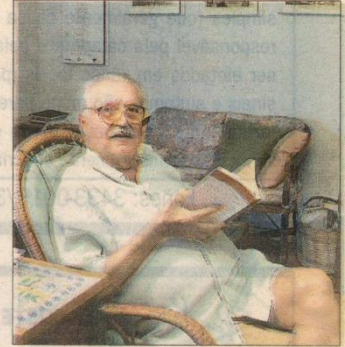
Uma lembrança da infância

O escritor Salim Miguel não se cansa de ouvir Bach. Seu primeiro contato com o compositor foi em 1938, quando seu pai comprou um rádio. "As pessoas se reuniam para ouvir notícias da guerra e do Brasil, e um dia tocou música, que eu já peguei andando, e que me marcou. Depois, descobri que era do Bach, uma composição para violoncelo", conta. "Escolher um livro é muito mais complicado, mas se for para citar só um, escolho o 'Dom Quixote', de Cervantes. Li a primeira vez em Florianópolis, no fim dos anos 40, em espanhol. Tinha ilustrações belíssimas, e me marcou para sempre. Tudo que existe de melhor na literatura está no 'Dom Quixote'".

O filme de Salim é "Monsieur Verdoux", de Chaplin. "É pouco citado, mas tem duas cenas fundamentais do cinema. O filme é sobre um senhor muito bem-posto na vida, sempre elegante, que namora e mata velhinhas. Ele dá para elas duas semanas de felicidade, depois joga no crematório particular e fica com o que elas tinham. Em uma cena, ele acabou de

fazer isso e está saindo. A câmara pega a fumacinha subindo do crematório, ele baixa os olhos, vê que vai pisar numa formiga e desvia. Em outra cena, no final, quando vai ser condenado, ele faz um longo discurso. Diz que vai ser condenado

porque matou algumas poucas velhinhas depois de dar a elas semanas de felicidade, mas que na guerra um comandante que mata milhares de pessoas é condecorado. Vi esse filme nos anos 40, em Florianópolis, no fim dos anos 60, no Rio de Janeiro, e, depois, não consegui encontrar mais", conta.

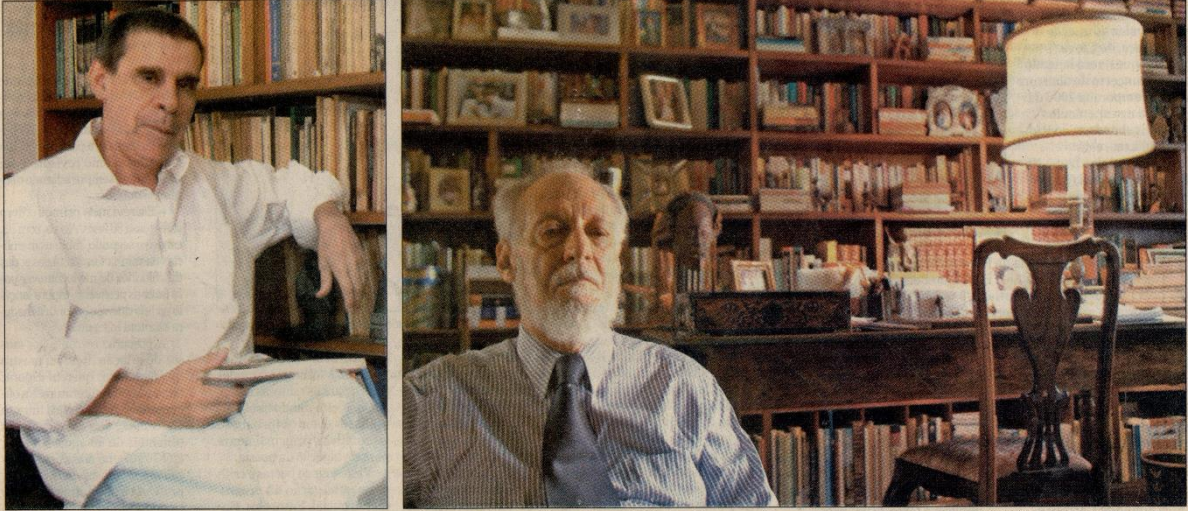


009: Maturidade Criativa

RANGEL, Vivian. Maturidade Criativa. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 25/mar./06, pag. 1 e 2. Idéias&livros.

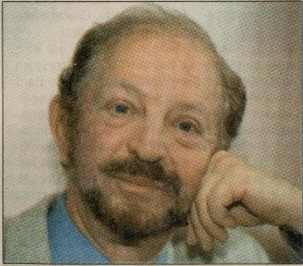
idelas@jb.com.br JORNAL DO BRASIL ☆ SÁBADO, 25 DE MARÇO DE 2006

Fotos de arquivo



SÉRGIO SAN'ANNA consegue hoje ter mais prazer ao escrever seus contos, enquanto o acadêmico Alberto da Costa e Silva aproveita seu maior tempo livre: trabalha em três livros concomitantemente

Escritores com mais de 60 falam sobre as mudanças literárias determinadas pela idade



MOACYR SCLIAIR valoriza mais a estética literária

Maturidade criativa

VIVIAN RANGEL

"Pouco importa minha velhice, que é a velhice?" Para um grupo de escritores, mais do que viver muitas décadas com vigor e coragem, como escreveu Carlos Drummond de Andrade, a maturidade dos anos é sinônimo de produção literária intensa. Contos que nascem precisos, herança de uma vida debruçada sobre folhas em branco. Textos que há muito hibernam e só na velhice se materializam. Consagrados ou iniciantes, eles têm em comum a sensação de urgência de quem sabe que já viveu mais tempo do que lhe reserva o futuro. Sem que isso represente a adoção de temáticas conservadoras ou receio de ousar em novos formatos.

Na eufemística terceira-idade, Dalton Trevisan continua escondido em Curitiba escrevendo sobre colegas e sexo pouco civilizado, com a respeitabilidade de quem chegou aos 80 anos. Rubem Fonseca, outro octogenário, mantém o famoso advogado-detetive-conquistador Mandrake em forma. E ainda há Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Ana Maria Machado, Manoel de Barros... Uma lista que confirma a produção contínua de veteranos escritores brasileiros.

Longe do terreno da ficção, o africanólogo Alberto da Costa e Silva ainda se lembra do primeiro texto publicado: um artigo para o *JB* escrito em 1946. Aos 74 anos, ele termina um livro de memórias, prepara uma biografia sobre Castro Alves e ainda produz uma narrativa sobre a África para jovens. Preso a uma rotina rígida – que inclui escrever todos os dias pela manhã – o imortal aproveita a aposentadoria dos serviços diplomáticos para dedicar-se inteiramente à literatura.

– Envelhecer hoje é um processo mais fácil e longo – afirma Costa e Silva. – No início de *Triste fim de Policarpo Quaresma*,

uma das justificativas para a confiabilidade do protagonista era sua avançada idade (mais de 40 anos). A mulher de 30 anos de Balzac tem hoje 40. A balzaquiana de hoje é um brotinho – exemplifica o escritor.

A preocupação com a velhice, para Salim Miguel, o acompanha desde a juventude. Aos 82 anos, ele continua a explorar os mistérios da memória e as aflições do passar do tempo. Para ele – que não acredita em realização literária – seu melhor livro é sempre o que está sendo feito. O peso dos anos só alterou seu método de escrita:

– Quando moço, as idéias me vinham aos borbotões, o que era um desafio à escrita, que é basicamente o ato de cortar palavras. Hoje sou mais exigente e também mais paciente: fico horas desenvolvendo uma frase – conta Salim Miguel.

A crítica em relação à obra realizada na velhice é quase sempre mais severa, desprotegidos estão os textos do entusiasmo e da ignorância juvenis. Gilberto Mendonça Telles, 74 anos, mantém-se em forma lendo os clássicos e, tal qual acreditava Drummond, reescrevendo a mesma obra sucessivamente. Para o poeta e crítico literário, o escritor repete os mesmos temas durante toda a vida, na velhice de forma mais tensa.

– Sinto desde os 50 anos uma responsabilidade maior com o fazer correto. A necessidade do melhor dizer, que significa dizer menos para dizer mais – desabafa Mendonça Telles.

Moacyr Scliar aprendeu a domar o vulcão de idéias da juventude e a conter a ânsia de escrever a qualquer sinal de inspiração. Longe de interromper até mesmo banhos para

anotar idéias, o escritor, de 69 anos, não tem a mesma ânsia de publicar. As principais vantagens de envelhecer, para ele, são desafiar as inspirações súbitas, guardando-as para mais tarde, e valorizar mais a estética literária.

– Aprendemos a conter a ansiedade e a dar menos importância à crítica, alimentamos melhor nosso júri interior – explica Scliar. – Além disso, descobri que literatura não é panfleto. E conhecendo melhor o ser humano, consigo delinear personagens menos caricatos – acredita o escritor.

Também menos ansioso está Sergio Sant'anna, que em vez de processos criativos dolorosos, consegue hoje ter prazer ao escrever contos. Com o lançamento de seu último livro, o premiado *O voo da madrugada* (Companhia das

Letras), ele encerrou um processo de catarse. E hoje escreve várias histórias ao mesmo tempo, que retomam a temática da sexualidade e do fetiche, com mais leveza.

– Passei por uma intensa transformação interna, evidente nos meus novos textos. O humor e a vontade de testar novos formatos estão mais fortes do que nunca – garante.

Para o imortal Murilo Melo Filho, a maior mudança está no desenvolvimento da tecnologia. A evolução da internet e do computador fez com que os escritores dependessem cada vez menos de deslocamentos para pesquisar. Também jornalista, ele deixou no passado as dificuldades de comunicação que cercavam o ofício.

– Não precisamos levantar da cadeira para conseguir informações, não dependemos de te-

légrafos ou entregadores. Temos memórias artificiais disponíveis – ressalta.

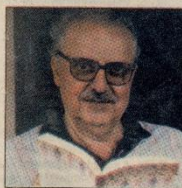
A memória eletrônica guarda cenas que acompanharam Josif Landau durante décadas dedicadas à engenharia. Quando se aposentou, ele começou a frequentar a oficina literária de Flávio Moreira da Costa. Hoje soma mais de 10 publicações, entre elas o romance policial *Comissário Alfredo* (Record).

– Sempre fui um grande leitor, mas tive que reaprender a escrever corretamente e enfrentar com muito mais dificuldade as aguras do mercado editorial brasileiro, porque comecei tarde – relembra o escritor. – Mas precisava escrever, porque nas palavras está toda uma vida, mesmo que escondida – conta Landau.

■ MATURIDADE CRIATIVA CONTINUA NA PÁG. 2



MURILO Melo Filho comemora as conquistas tecnológicas



SALIM MIGUEL é exigente



TELES: responsabilidade

ATTITUDES... PALAVRAS... GESTOS...

Mário Sérgio Cortella
Não espere pelo apêndice.
Não nascemos prontos!

VIRTUDES MUNDO POSSÍVEL

Leonardo Boff
Virtudes para um outro mundo possível - Vols. I e II

PARA UM MUNDO MELHOR

www.vozes.com.br
vendas@vozes.com.br

010: REUNIDOS em almoço literário... [foto]

REUNIDOS em almoço literário... [foto]. **O Povo**. Fortaleza, 12/set/06, pag. 3. Vida & arte



011: Pegadas na areia do tempo

PAIVA, Natália. Pegadas na areia do tempo. *O Povo*. Fortaleza, 4/set./06, pag. 04 e 05. Entrevista.



SALIM MIGUEL] O

escritor "líbano-biguauense" Salim Miguel foi um dos convidados da VII Bienal Internacional do Livro do Ceará, cujo tema era literatura dos países árabes. Momentos antes de embarcar rumo a Florianópolis, Salim conversou sobre sua obra, sua infância entre o Líbano e Biguau (SC), e autores brasileiros de origem árabe

Natália Paiva
Especial para O POVO

Aos três anos, abandonou Kfar Souroun, no Líbano. Ele - o primogênito - mais o pai, a mãe, o tio e as duas irmãs mais novas. A ideia era atravessar o México e firmar moradia nos EUA, onde outros três tios maternos já residiam. No porto de Marselha, perderam o navio. O Brasil, enfim, "por acaso". *Maktub* - estava escrito. Depois de alguns meses no Rio de Janeiro, acabaram ficando raízes em Biguau, cidadezinha a 28 km da capital de Santa Catarina. Mais tarde, seria esse o local "mítico" e "real" das histórias escritas pelo primogênito. Sim, o menino arrastado de Kfar Souroun ainda iria fulgurar entre os escritores brasileiros de origem árabe, ao lado de Radian Nassar e Milton Hatoum.

Em 1943, a família se mudou para Florianópolis. Já um dos artífices do Grupo Sul - movimento artístico-cultural que agitou o Estado nas décadas de 1940 e 1950 -, Salim Miguel fez sua estreia na literatura com o livro *Velhice e Outros Contos* (1951). Desde então, foram mais de 20 livros publicados, dentre eles *A Vida Breve de Sezeferdo das Neves, Poeta* (1987, relançado em 2005), *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeira* (1994), *Nur na Escuridão* (1999) e o recente *Mare Nostrum* (2004).

Há duas semanas, o escritor esteve em Fortaleza. Acompanhado da esposa, a também escritora e ex-membro do Grupo Sul, Eglê Malheiros, Salim participou da VII Bienal Internacional do Livro do Ceará. Aos 82 anos, o romancista, contista, jornalista e crítico literário Salim Miguel sofre de retinopatia degenerativa, problema de visão que insiste em lhe atrapalhar a vida, já acostumada às seis, oito horas diárias de amor com as palavras. Como Jorge Luis Borges, ele continua a ler - agora, ouvindo. A angústia, mesma que invadiu Jorge Amado, existe, sim. Mas ele continua a escrever - agora, ditando. Tanto que já tem dois livros inéditos, sem previsão de lançamento: o já finalizado *O Sabor da Fome* e o ainda por concluir *Memória Fragmentada*. Afinal, como diz Omar Khayyam, o poeta "sempre citado e amado" pelo velho pai de Salim, "só uma verdade existe: - A vida corre!".

O POVO - A impressão que se tem ao ler *Nur na Escuridão* é a de que o livro foi costurado a partir dos relatos que o senhor devia ouvir desde criança. O senhor veio do Líbano com a sua família aos três anos de idade. Apesar da pouca idade, o senhor consegue ter alguma lembrança própria dos parentes libaneses, da viagem de navio, dos meses passados no Rio de Janeiro, dos primeiros dias em Biguau?

Salim Miguel - Não, eu não me lembro. Eu tenho apenas uma lembrança de terceiros. Porque vieram meu pai, minha mãe, minhas duas irmãs - uma com seis meses de idade - e um tio. Então, principalmente meu pai, que tinha sido professor primário no Líbano, e meu tio, que morou durante um período com a gente e depois se mudou para Porto Alegre, me relataram alguma coisa referente à viagem. E eu gravei isso na memória. Esse livro (*Nur na Escuridão*) me acompanhou, até eu conseguir escrevê-lo, mais de dez anos. Então, o que eu relato é centrado em duas fontes: primeiro, nas lembranças de minha mãe, de meu pai e desse meu tio. Como é que eu sei que nós embarcamos em Beirute, capital do Líbano, paramos em Marselha e perdemos o navio? Com três anos eu não teria como me lembrar disso. Então, na verdade, eu me lembro porque meu pai dizia: "Acabamos no Brasil por acaso". Porque, na verdade, nós íamos para o México e, de contrabando, entramos nos EUA. Só que quando chegamos ao Brasil, meu pai, primeiro no Rio de Janeiro e depois em Santa Catarina, gostou tanto do País, se sentiu tão bem aqui, que dizia: "Parece que eu estou num Líbano enorme" - porque o Líbano é pequeninho perto do Brasil; ele cabe num bairro de Fortaleza e sobra bairro. Então, é em cima disso que eu trabalho o livro. O livro não é auto-biográfico, não é uma biografia dos meus pais nem da minha família: é um livro centrado em cima da realidade dos imigrantes, mas trabalhado todo ele ficcionalmente. Tem um capítulo - em que eu falo que um adolescente viu uma mulher belíssima, a mais linda mulher do mundo e se apaixonou por ela, só que ela era casada - que a minha irmã, a que faleceu há um ano e pouco, leu e me disse assim: "Era uma bruxa de feia. Nunca existiu mulher tão feia no mundo!" (risos). Aí eu disse: "Não, para mim, ela era a maior beleza que eu já conheci". Então, eu não deixei - a não ser a Eglê, a minha mulher - que ninguém lesse, olhasse esse livro, antes de ele ser publicado. Um outro meu irmão disse assim: "Tem um episódio, da nossa vida em Biguau, que não está narrado corretamente". Aí eu digo: "Está narrado corretamente a partir do momento em que ele saiu no livro". Isso porque eu não fiz biografia, eu fiz uma ficção calcada em elementos da realidade.

OP - O senhor avalia que, devido à inserção de elementos ficcionais, sua obra necessariamente deixa de ser auto-biográfica?

Salim Miguel - Ah, deixa, é claro. Se eu fosse fazer uma biografia da minha família ou uma auto-biografia, eu teria de me deter absolutamente na realidade, no que aconteceu. Eu, trabalhando ficcionalmente isso, tenho a liberdade de, de repente, descartar determinado episódio que não me interessa porque não vai ajudar na estrutura narrativa ou acrescentar outros elementos que enriquecessem

Se eu fosse fazer uma biografia da minha família ou uma auto-biografia, eu teria de me deter na realidade, no que aconteceu. Eu, trabalhando ficcionalmente isso, tenho a liberdade de descartar determinado episódio que não me interessa porque não vai ajudar na estrutura narrativa

a narrativa. E aquilo que eu sempre digo: "escrever é saber reescrever e cortar", e ninguém escreve pra gaveta. Embora não se deva escrever pensando no leitor, os que escrevem o fazem para comunicar, para dar um recado do tempo, da comunidade em que vivem. E o livro, quando sai, deixa de ser do autor; passa a ser do leitor. E o leitor reescreve-o à sua maneira. Então, eu tenho leituras as mais diferentes a respeito do *Nur da Escuridão*, por exemplo.

OP - Biguau é central, na sua obra. Quais lembranças o senhor ainda guarda da infância e da adolescência na cidade?

Salim Miguel - Nós somos aquilo que a infância e a adolescência nos fez. Então, sou um misto do Líbano e de Biguau. Tanto que eu brinco dizendo que eu sou um líbano-biguauense. E eu devo muito a essa infância e adolescência em Biguau. Além da infância e da adolescência, tudo o mais é acréscimo - pode ser um acréscimo muito importante ou sem nenhum significado. Então, tem alguns fatos que me marcaram, entre vários outros, em Biguau. Eu tinha acabado de ser alfabetizado quando senti que a coisa que mais me interessava eram os livros, era ler jornal, revista e tudo o que eu encontrasse de papel impresso. E lá praticamente não tinha biblioteca - tinha uma pequena biblioteca na escola e tinha uma meia dúzia mais de bibliotecas com meia dúzia de livros, em algumas casas. E eu tava desesperado. Até que me lembrei de que existia uma pequena livraria de um poeta cego. Aí fui lá fazer uma proposta pra ele: "Vamos fazer o seguinte: tu me emprestas os livros e eu levo, leio e não rasgo, não rascunho, não sujo, não amarroto uma página e te devolvo. Quando eu tiver reunido alguns tostões, eu venho e compro um livro". Ele disse: "Não, eu vou te fazer uma proposta diferente: tu vens aqui e lêes em voz alta para mim, porque eu também tenho fome de leitura". Isso durante alguns anos. E sabe qual foi o primeiro livro que eu li inteiro? *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar. Então, durante alguns anos, eu lia de três a cinco horas por dia, para esse poeta cego. Aí me pergunto assim: que biblioteca fantástica era essa que tinha tantos livros? Não tinha, tinha poucos livros. Só que o poeta, que se chamava João Mendes, tinha um parente em Florianópolis que tinha uma enorme biblioteca e passou a pedir emprestado seus livros. Então, esses e outros episódios de infância - correrias, brincadeiras, banhos

de rio, essa coisa toda de gurizada. E uma coisa que não existe mais hoje: a noitinha, a gurizada se reunia na frente das casas e ficava conversando sobre o que tinha acontecido no dia. A mãe da família trazia um refrigerante e uns biscoitinhos... Alguns escritores criaram comunidades para a sua ficção. Eu adaptei uma cidade já existente - Biguau - para a minha obra ficcional. Praticamente todos os meus contos e romances ou passam ou remetem para Biguau. E passou a ser uma Biguau mítica e real, referência básica na minha literatura. Biguau, depois Florianópolis e, depois, o Rio de Janeiro, nessa ordem.

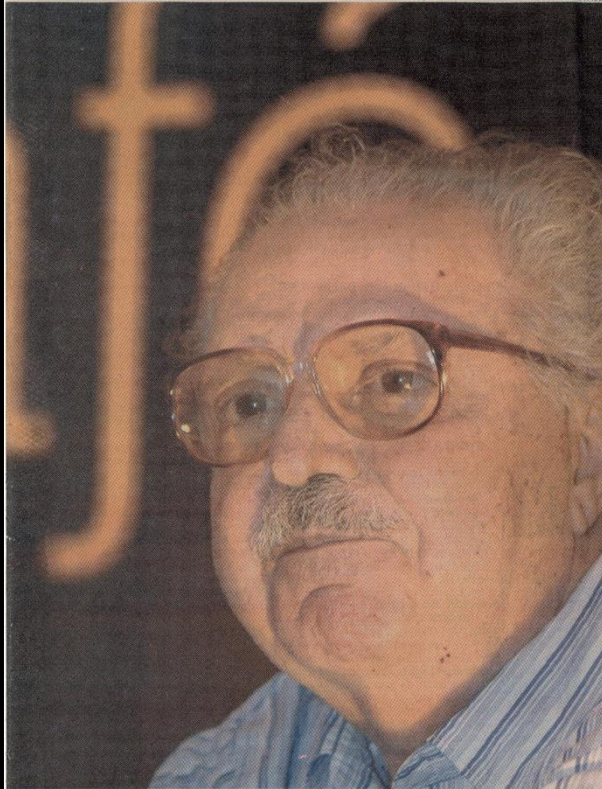
OP - E o Líbano como referência de fundo?

Salim Miguel - E, é claro, o Líbano, que é uma constante. Meu pai tinha sido professor primário e, de noite, ele nos contava muitos casos do maior interesse para ele e que passaram a nos interessar. Entre esses casos, ele contava versões que ele adaptava das *Mil e Uma Noites*. E a minha literatura toda - alguns críticos têm assinalado isso - traz a marca pelo informalismo. Eu nunca consegui escrever um romance tradicional, como começo, meio e fim direitinho, arrumadinho, certinho. Jamais consegui fazer isso. Então, traz uma influência visível das *Mil e Uma Noites*, que foi um livro que me marcou primeiro pelas narrativas que meu pai fazia e, depois, quando consegui uma edição ímpar, integral traduzida do francês em oito volumes e ilustrada por um cearense chamado Aldemir Martins.

OP - Em um artigo sobre a literatura desenvolvida no Brasil por descendentes de sírio-libaneses, Caio Porfirio Carneiro, da União Brasileira de Escritores, tenta encontrar um traço comum entre esses escritores. Entre vários autores, ele cita o seu nome. O que é registro inconsciente e o que é incorporação formal, na literatura sua, de Radian Nassar, Milton Hatoum...?

Salim Miguel - Antes de responder isso, eu quero dizer que de repente eu passei a me preocupar com o número de descendentes de libaneses que fazem literatura brasileira. Você sabe que eu levantei quase 40 nomes? Desde filólogos da maior importância, como Said Ali, Ivanildo Bechara e Antônio Houaiss, que além disso foi um enciclopedista e o primeiro tradutor de *Ulisses*, do James Joyce, para o Brasil. Mas aí eu passei a me deter

Não é possível amarrar todos os autores brasileiros de origem árabe no sentido de que eles se preocuparam com essa tradição. Mas está de fato entranhado na pessoa, que, mesmo ela não pensando, ela acaba, na sua literatura, refletindo direta ou indiretamente isso



FOTOS LIA DE PAULA

mais sobre a parte de ficção. E, na parte de ficção, eu encontrei, dos anos 1940, um chamado Cecílio J. Carneiro, cujo nome na verdade era Cecílio Jorge Ganiem, só que Ganiem é carneiro em árabe. Mes-

Eu acredito mais em vocação do que em inspiração. É a minha

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

NUR NA ESCURIDÃO

Romance que conta a saga de uma família libanesa que emigra para o Brasil em 1927 e se estabelece em Santa Catarina. Baseado nas experiências da família de Salim Miguel. Editora Topbooks. 258 páginas. Preço médio: R\$ 27,00



MARE NOSTRUM

Mare Nostrum tanto pode ser lido como um livro de contos quanto como um "romance desmontável", expressão que acompanha o título. São 19 textos que têm o mar como protagonista. Destaque para o primeiro texto: *Pegadas na Areia do Tempo*. Editora Record. 174 páginas. Preço Médio: R\$ 24,00



VIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES, POETA

Considerado, pelo próprio autor, um "romance não-convencional" e "um balanço da minha geração e dos anos 1950 no Brasil", o livro é dividido em quatro partes e mistura conto, poesia, teatro e ensaio. Editora Record. 352 páginas. Preço Médio: R\$ 40,00



TRECHO

"A força do temporal recrudescia; o

sonagem principal morresse. E morresse como? Eles estavam passeando num bosque, ela pisa em cima de uma bomba (mina terrestre) e explode. Ela se recusou. Durante mais de uma semana, eu não conseguia sair daquele trecho porque ela dizia: "Não é justo, ele vem sofrendo a vida toda e agora que me encontrou vai morrer? Eu não aceito, eu não vou morrer. Dê um outro jeito nisso". E eu não estava encontrando esse outro jeito. Parece ficção, mas não é (risos). Até que ela me disse assim: "Tem uma amiga minha - não é bem uma amiga, mas não é conhecida - de quem eu não gosto. Por que ela não vai explodir no meu lugar?". E acabou explodindo no lugar dela e ela continuou, veio para o Brasil com ele, e foram morar no Rio de Janeiro. Eu tenho um romance que é dirigido em cadernos, chamado *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*. A orelha do livro é escrita por um personagem secundário que está indignado. Ele diz assim: "Por que o Sezefredo tem esse espaço todo e eu não tenho nada?". Então, esse personagem que aparece em poucas páginas se revolta e me pede para fazer a orelha do livro. E fez.

Minha pretensão, além de fazer literatura e fazer a melhor do que eu posso, é deixar um retrato do meu tempo, da minha época e da minha gente. E a minha gente é, sem dúvida, o Brasil. Mas é o Brasil de alguém que não consegue fugir às suas origens libanesas

OP - O senhor, há alguns anos, já sofre de retinopatia degenerativa. Como o senhor lida com a doença, no cotidiano?

Salim Miguel - Eu já falei no fato de ter, durante anos, lido para um cego. E, durante algum tempo, eu me imaginei uma espécie de leitor do (Jorge Luis) Borges. Borges era cego e teve, durante anos, alguém que lesse para ele. Aí eu dizia: "Bem, eu não li para o Borges, mas li para o João Mendes", sem imaginar que, no fim da vida... Eu estou com esse problema há exatos onze anos. Só que, até ano passado, eu conseguia ainda ler alguma coisa e trabalhar no computador. Exatamente em agosto de 2005, a visão piorou tanto que eu não consegui mais ler. Então, como é que eu trabalho hoje? É claro que isso me angustia, mas eu aprendi a lidar com isso.

mais sobre a parte de ficção. E, na parte de ficção, eu encontrei, dos anos 1940, um chamado Cecílio J. Carneiro, cujo nome na verdade era Cecílio Jorge Ganem, só que Ganem é carneiro em árabe. Mesmo quando não há nada que remeta para o país de origem dos pais do escritor, há, na maneira de narrar, alguma coisa que vem da ancestralidade. Por exemplo, tem um contista excelente nascido no Sul da Bahia, mas que viveu e morreu em São Paulo, chamado Jorge Medauar. Não há, nos contos dele, aparentemente nada que remeta à raiz da origem dele. No entanto, se a pessoa souber ler, encontra, na maneira de contar, traços da influência da literatura árabe. Um dos dois nomes hoje mais em evidência é Raduan Nassar, que é grande nome da literatura de influência árabe no Brasil, com dois livros publicados - não publicou mais nada porque achou que aquilo era suficiente. Tem o de contos, mas esse é bem abaixo dos outros dois. Mas tanto *Lavoura Arcaica* quanto *Um Copo de Cólera* são excelentes. E, agora, está se projetando o Milton Hatoum, que acabou de publicar o terceiro livro e recebeu o Prêmio Jabuti, esse ano, né? O Milton Hatoum tá com três livros publicados, os dois primeiros remetem diretamente para influência árabe. A história da família dele trabalhada literariamente, da mesma forma que eu fiz, em *Relatos de um Certo Ocidente* e *Dois Irmãos*. E agora saiu um outro livro dele, *Cinzas do Norte*. Esse eu não li ainda, mas os dois primeiros são muito bons. Mas tem poetas também. Tem um poeta paulista chamado Jamil Almansur Haddad, que foi um dos primeiros tradutores do Charles Baudelaire. Ele dominava o francês perfeitamente. Tem um baiano chamado Waly Salomão, que era poeta e compositor, tem... Bem, não vou citar os 40, né? Mas levantei cerca de 40 nomes.

OP - É possível amarrar esses autores em alguma identidade?

Salim Miguel - Não, não é possível amarrar no sentido de que eles se preocuparam com essa tradição. Mas está tão entranhado na pessoa, que, mesmo ela não pensando, ela acaba, na sua literatura, refletindo direta ou indiretamente isso.

OP - O senhor trabalha muito com a passagem do tempo na vida das pessoas. Hoje, aos 82 anos, o senhor se identifica com as personagens que foi conhecendo ao longo de mais 50 anos de escrita, com seus conflitos com suas lembranças, sua memória?

Salim Miguel - Cada leitor tem a sua marca. Na verdade, existem poucos temas, que vêm sendo tratados há milhares de anos. A maneira de cada escritor abordar o tema, a sua visão, a sua proposta e o seu projeto de criação literária são o que identifica um escritor do outro. Então, no meu caso, desde antes de publicar o primeiro livro - e eu rasguei muito mais do que publiquei -, a minha preocupação era a velhice e a morte, o tempo e a memória, e o relacionamento conflituoso entre os seres humanos. Essas foram as linhas básicas da minha proposta antes mesmo de publicar o primeiro livro. E deixar um retrato o quanto possível e válido do meu tempo, da minha época, da minha gente, no sentido mais amplo. Eu acredito mais em vocação do que em inspiração. E a minha

Eu acredito mais em vocação do que em inspiração. E a minha imaginação não é muito forte. Eu preciso de um som, de uma palavra, de uma frase, de uma pessoa que está passando. E é em cima disso que trabalho

imaginação não é muito forte. Eu preciso de um som, de uma palavra, de uma frase, de uma pessoa que está passando. E é em cima disso que trabalho. Uma vez, eu estava caminhando na praia e ouvi uma frase de um casal que andava atrás de mim e que resultou no conto *Pegadas na Areia do Tempo*. Isso é o verso de um poeta. Eles estavam conversando sobre poesia e um disse assim: "Pegadas na Areia do Tempo. A gente tá passando por aqui mas as nossas pegadas ficam. No que a maré sobe, desaparece; assim somos nós, desaparecemos. E o mundo é de cada um de nós. Quando nós morremos, o nosso mundo acaba e nós acabamos também". E isso deu o conto que abre o livro *Mare Nostrum*.

OP - Então o senhor se considera mais um 'observador' do que um 'imaginador'?

Salim Miguel - Sim. Talvez até, também, pela minha profissão de jornalista. Eu sempre vivi da palavra, em seu sentido mais amplo. Só para você ter uma idéia, eu fui sócio de gráfica, de distribuidora de livros, de livraria, de editora, escrevi livros e sobre livros, e, além disso, fui editor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina durante oito anos, trabalhei como diretor de uma fundação de Cultura e trabalhei durante 15 anos com cinema. Tudo isso depende da palavra. Então, na verdade, eu sou escravo da palavra. E é ela que me motiva. Porque a palavra, pra mim, tem som, tem cheiro, tem cor. E o escritor deve saber como é que vai utilizar a palavra que vem antes e a que vem depois para que elas se harmonizem e dêem o rendimento e o recado que ele pretende transmitir.

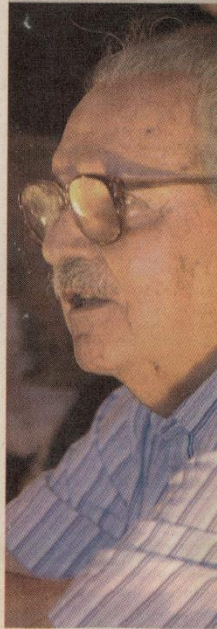
OP - O senhor costuma dizer que "escrever é saber reescrever e cortar, cortar a própria carne". Como é o seu processo criativo, da idéia inicial à conclusão de um texto?

Salim Miguel - Eu brinco sempre dizendo que a gente não cria os personagens, os personagens é que nos procuram, dizendo: "Eu quero agora uma vez para aparecer na tua literatura". Então, a gente às vezes diz: "Esse personagem, nesse meu livro, vai ser secundário, vai aparecer muito pouco", e ele acaba crescendo muito mais do que nós desejávamos. E às vezes eles se recusam. Em *Mare Nostrum*, tem o segundo texto, o mais longo, que poderia sair dali e ser publicado como novela, chamado *Marulho*. *Marulho* é o problema do preconceito, porque o protagonista é o neto de um libanês e de uma negra. Então, eu queria que a mulher do per-

TRECHO

"A força do temporal recrudescia: o vento os envolvia mais, golpeava a baleeira, arremessava-a contra as pedras. Levas de ondas, de metros de altura, sucediam-se, lançando-se contra eles, pareciam atravessá-los, iam se espedaçar nas pedras, invadiam a terra, derrubavam árvores lá adiante, retornavam, arremetiam de novo, reforçadas por outras vagas. Eles não tinham mais noção de nada. Quanto tempo se passara? Não faziam idéia. O tempo-espaço perdera seu sentido e sua dimensão. Não existia, coisa alguma existia. Só a luta contra os elementos, só a luta pela vida, só a noite, só o vento, só os trovões que se repetiam repercutindo, só os relâmpagos que por fugazes instantes os iluminavam, iluminando a baleeira que ia e vinha. E no clarão entreviam a ilha atirada a distância. Sim, já não era a baleeira que se movia, era a ilha, sacudida com furor."

De *Mare Nostrum* - romance desmontável



problema há exatos onze anos. Só que, até ano passado, eu conseguia ainda ler alguma coisa e trabalhar no computador. Exatamente em agosto de 2005, a visão piorou tanto que eu não consegui mais ler. Então, como é que eu trabalho hoje? É claro que isso me angustia, mas eu procurei superar. De que maneira? Eu fiz um pedido para a Universidade Federal de Santa Catarina, onde eu trabalhava, se alguém estaria interessado em ganhar uns trocados e trabalhar duas vezes por semana comigo. Não só lendo alguma coisa, porque isso também faz a Eglê Malheiros, a minha mulher, que também é escritora e tem suas atividades de dona-de-casa. Então, consegui um estudante de Ciências Sociais que vai duas vezes - terça e quinta-feira - e, quando há necessidade e ele tem tempo, ele vai outra vez durante a semana. Ele lê coisas que eu preciso tomar conhecimento, vê parte da correspondência, outra parte a Eglê faz comigo. Pois bem, estou com um novo livro de contos, aprovado pela Record, se chama *O Sabor da Fome*, e a maioria desses contos foi ditada. Estou agora terminando outro livro que se chama *Memória Fragmentada*, que são textos sobre personalidades que eu conheci, perfis de cada uma. Então, isso está sendo feito eu ditando para esse estudante. Eu faço a primeira versão em bruto e depois, com ele, ele vai lendo e eu vou modificando, tirando um texto, acrescentando outro, vou tirando uma palavra, passando um bloco de um lugar para o outro. Faço depois uma terceira versão ainda com ele e na quarta versão, aí sim, entra a Eglê, minha mulher, que é a minha crítica mais atenta e a que mais luta comigo pelos textos. Então, as necessidades, sejam de qualquer natureza, fazem com que a pessoa, querendo, consiga se adaptar. E como o meu processo de visão é irreversível porque não existe no mundo remédio para ele... Eu costumo dizer que é um palavrão: retinopatia degenerativa. É o problema de quem vive demais, eu já estou no lucro.

OP - E de quem leu demais, né?

Salim Miguel - E de quem leu demais (risos). (Ler demais) Não faz mal quando a pessoa sabe se controlar, mas eu não conseguia. Eu lia uma média de sete, oito horas por dia. E, além disso, trabalhava das oito da manhã às seis da tarde. Às seis e meia eu entrava em outro emprego onde ficava até às onze da noite. Isso durante treze anos. E quando eu conseguia uma licença nesse segundo emprego era porque eu estava viajando; durante oito anos eu viajei o Brasil todo para a revista *Manchete*. Então, eu posso dizer tranquilamente que conheço todo o País, os problemas e a potencialidade do País. E é um País que tem absolutamente tudo para dar certo e no entanto nós continuamos infelizmente marcando passo até hoje, né? Os problemas se avolumando, os poucos que têm demais continuam tendo cada vez mais e a grande maioria que vive de um salário mínimo ou da Bolsa (Família, programa do Governo Lula). Nós temos em torno de 50 milhões de brasileiros abaixo do nível de pobreza. Então, claro que tudo isso se reflete. Porque a minha pretensão, além de fazer literatura e fazer a melhor do que eu posso, é deixar um retrato do meu tempo, da minha época e da minha gente. E a minha gente é, sem dúvida, o Brasil. Mas é o Brasil de alguém que não consegue fugir às suas origens libanesas.

012: A década do conto brasileiro: antologia resgata a Revista Ficção

IENSEN, Jacqueline. A década do conto brasileiro: antologia resgata a Revista Ficção. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23/ago/07, pag. 1. Variedades/Literatura.

LITERATURA

A década do conto brasileiro

Antologia resgata a Revista Ficção

JACQUELINE IENSEN

Os anos 1970 foram produtivos para a literatura brasileira. As restrições impostas pela ditadura militar acabaram por provocar a criatividade dos escritores que começaram a experimentar novas linguagens, novos modos de ver e de apresentar o mundo aos seus leitores. Neste período, cinco inquietos intelectuais: Cícero Sandroni, Eglê Malheiros, Fausto Cunha, Laura Cons-tância Sandroni e Salim Miguel decidiram lançar a *Revista Ficção - Histórias para o Prazer da Leitura*, que circulou entre os anos 1976 e 1979. Abria-se assim uma porta para os jovens contistas brasileiros.

Hoje, às 17h, a Editora Leitura lança a antologia *Ficção - Histórias para o prazer da leitura*, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Coube ao romancista e crítico Miguel Sanches Neto a difi-

cil tarefa de selecionar apenas 50 dos mais 4 mil contos publicados nos quatro anos em que a revista circulou pelo país. Foi na *Ficção* que se viu pela primeira vez - ao lado de clássicos como Machado de Assis - textos de João Ubaldo e Antônio Torres.

A antologia surgiu a partir de conversas com o Salim Miguel e a Eglê Malheiros pois existia a idéia de se republicar a *Revista Sul*, mas em função de algumas dificuldades optamos pela antologia da *Ficção* - diz o organizador da publicação Miguel Sanches Neto.

Na obra, Sanches Neto destaca a produção dos quatro dos melhores escritores catarinenses - Eglê Malheiros, Salim Miguel, Edla Van Steen e Flávio

José Cardozo - ao lado de Cícero Sandroni, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Ignácio de Loyola Brandão, Aguinaldo Silva, Fernando Sabino, João Ubaldo Ribeiro, Millôr Fernandes, Roberto Drummond e muitas outras figuras célebres da literatura brasileira.

Os anos 1970 ficaram como a década do conto. Em nenhum outro momento este gênero foi tão praticado, consolidando a tendência nacional para o texto curto, que é a marca



Salim e Eglê criaram a *Ficção*, com os amigos Fausto Cunha e Cícero e Laura Sandroni, quando residiam no Rio

Os autores

1. Lêdo Ivo
2. Ignácio de Loyola Brandão
3. Stanislaw Ponte Preta
4. José Louzeiro
5. Sônia Coutinho
6. Rubem Mauro Machado
7. Roniwalter Jatobá
8. Autran Dourado
9. Walmir Ayala
10. Wander Piroli
11. Luiz Vilela
12. Moacyr Scliar
13. Hugo de Carvalho Ramos
14. Luís Fernando Emediato
15. Caio Fernando Abreu
16. Flávio Moreira da Costa
17. Antônio de Alcântara Macha-

- do
18. Antônio Torres
19. Lima Barreto
20. Aguinaldo Silva
21. João Silvério Trevisan
22. Machado de Assis
23. Antônio Carlos Viana
24. Sérgio Sant'anna
25. José J. Veiga
26. Millôr Fernandes
27. Domingos Pellegrini
28. Fernando Sabino
29. Salim Miguel
30. Roberto Drummond
31. João do Rio
32. Rubem Fonseca
33. Ruy Espinheira Filho

34. Nélida Piñon
35. Cícero Sandroni
36. Eglê Malheiros
37. João Ubaldo Ribeiro
38. Edla Van Steen
39. Samuel Rawet
40. Eric Nepomuceno
41. Hélio Pólora
42. Jair Ferreira dos Santos
43. Roberto Gomes
44. Marina Colasanti
45. Victor Giudice
46. Flávio José Cardozo
47. Valêncio Xavier
48. Paulo Bentancur
49. João Gilberto Noll
50. Edilberto Coutinho

da literatura brasileira - observa.

Em muito pouco tempo, a *Ficção* consolidou-se como uma das importantes publicações brasileiras e, logo no seu primeiro ano de vida, vendeu mais de 200 mil exemplares - um número recorde que com seu estilo editorial preencheu um vácuo no mercado literário do país.

É uma radiografia do conto no Brasil nos anos 1970. A revista foi uma oportunidade para o escritor

ousar e experimentar novas linguagens. Expandir a gramática da ficção em todas as suas formas. Temos, por exemplo, de um Domingos Pellegrini (escritor paranaense) a um Caio Fernando Abreu com sua linguagem cosmopolita - diz Sanches Neto.

Além de ter um conteúdo de valor inestimável, também a parte gráfica foi retrabalhada dando uma diagramação jovial que reforça o slogan criado por Cícero Sandroni "histórias

para o prazer da leitura". Além de ser uma publicação para ler com prazer é um valioso documento sobre uma época em que o conto era a principal linguagem crítica e artística do país.

Ficção - Histórias Para o Prazer da Leitura, antologia organizada por Miguel Sanches Neto. Editora Leitura, 528 pgs. R\$ 45

• jacqueline.iensen@diario.com.br

013: Um escritor do mundo

MÜLLER, Renê. Um escritor do mundo. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 29/jul/07, pag. 55. Coluna Cacao Menezes

Um escritor do mundo

Um país se faz e se torna representativo pela sua cultura. Com esta frase, o escritor Salim Miguel encerrou a entrevista que deu sexta-feira à coluna. Lamenta as dificuldades para os escritores e para a leitura no Brasil, mas não esmorece. Aos 83 anos, é um exemplo. Continua trabalhando, mesmo com as dificuldades que lhe trouxe uma retinopatia degenerativa, doença que lhe tolheu a visão.

Não só isso: experimenta a repercussão inédita de suas obras, por conta do lançamento de quatro de seus livros pela Editora Record.

Nascido no Líbano, criado em Biguaçu e hoje em Florianópolis, Salim Miguel há muito deixou de ser um expoente regional ou um autor catarinense. É um escritor do mundo. A seguir, trechos da entrevista:

Diário Catarinense – O que o senhor está realizando agora, quais os seus projetos?

Salim Miguel – Agora está meio difícil. Não posso estar contente com esse frio desgraçado. A maioria pode até curtir um pouco o frio, mas para criança e para velho, a única coisa que dá para fazer com esse frio é ficar trancado em casa. Eu terminei um romance novo em fevereiro. Eu tenho um outro livro de artigos que escrevi, foram publicados em suplementos, revistas e jornais, como o DC. Esse já está numa editora em

Porto Alegre, que está avaliando a sua publicação. O romance eu ainda estou vendo o que vou fazer com ele.

DC – Como está lidando com as dificuldades? O senhor tem essa doença de visão...

Miguel – Tenho um problema na visão que é irreversível. O pior que pode acontecer para qualquer pessoa é passar a depender dos outros para fazer o seu trabalho, para fazer o que gosta de fazer. Os livros de interesse comum, que interessam também à Eglê (Malheiros, escritora e esposa de Miguel), ela lê em voz alta. É a minha maneira de ler. Eu também contava com a ajuda de um estudante de Ciências Sociais, ele vinha aqui em casa duas vezes por semana. Lia o que era de interesse meu e escrevia no computador o que eu passava para ele. Ele escrevia, aí a Eglê me ajudava na última versão.

DC – Como está a resposta aos livros editados pela Record?

Miguel – Eu tenho recebido respostas, repercussão da maior parte do país, via Internet. Saem artigos sobre os livros em jornais do Nordeste, do Rio Grande do Sul, do Paraná. De vez em quando a Eglê (antes também o estudante) acessa os jornais e revistas na Internet e sou surpreendido com um artigo.

Fico contente. No sábado passado, o *DC Cultura* publicou artigos sobre dois livros. Um, do Lauro Junkes, fala sobre o *Eu e as Corruínas* (Insular, 2001), que é de cinco anos atrás! O outro artigo, do Ivan Schmidt, também foi publicado no *Observatório da Imprensa*.

DC – Esses lançamentos ampliaram o mercado para o seu trabalho. O senhor está

acompanhando esse processo?

Salim – Isso é muito importante para o escritor. A não ser meia dúzia, ninguém vive de direitos autorais nesse país. E uma boa divulgação faz com que as editoras tenham um retorno e voltem a investir no escritor. O primeiro que a Record lançou foi o *Mare Nostrum*. Não tenho ainda o balanço de como foi a venda, a editora faz uma prestação de contas de seis em seis meses. *O Senhor da Fome* e *A Voz Submersa* foram os últimos (2007). Tenho recebido informação de que estão bem expostos nas grandes livrarias de São Paulo. Como eu mantenho grandes amigos do meu tempo no Rio, também recebo boas notícias de lá: “Vi os seus livros todos na Travessa, na Saraiva...”. Eu não tenho um ego muito grande, mas isso é sempre gratificante.

DC – O senhor sempre foi bastante crítico à falta de ações governamentais para a cultura. Como vê a situação atual?

Salim – Santa Catarina nunca teve um projeto cultural consistente. Isso não é só no atual governo, aconteceu em todos os anteriores. Vamos nos limitar à literatura: faz cinco anos que o governo assumiu e não foi feito absolutamente nada. Foi uma briga para não acabar com a Biblioteca Pública do Estado, que é uma das três mais antigas do país. É um autêntico reservatório do que se publica, em livros, jornais, revistas, documentos.

DC – O que o senhor sugere como ação governamental?

Salim – O governo poderia investir na literatura daqui. Existe um projeto aprovado há 10 anos pela Assembleia. Já se passaram três governos, nenhum deles pôs esse projeto em ação. É um projeto pelo qual, em cada semestre, uma comissão se reúne para avaliar as obras dos escritores catarinenses. Ela examinaria todos os livros publicados no semestre e selecionaria meia dúzia. O governo, através das editoras, subsidiaria 300 exemplares para as bibliotecas públicas.

DIEGO REDEL, MAI 07

014: As Corruíras da cachoeira

JUNKES, Lauro. As Corruíras da cachoeira. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 21/jul./07, pag. 2 e 3. Cultura.

As corruíras da Cachoeira

O texto de um escritor só se completa quando encontra alguém que lhe acrescenta ingredientes que vão além daquilo que ele pretendeu

POR LAURO JUNKES *

Salim Miguel, nos seus mais de 50 anos de criação literária, projetou seu nome para muito além das fronteiras do nosso Estado, através do romance, do conto e do ensaio literário. Entretanto, resolveu ele desafiar mais um gênero e nos premiou com as crônicas de *Eu e as Corruíras* (Insular, 2001 – comemorativo dos 50 anos de estréia do autor em livro). Para a maior parte dos textos talvez seja conveniente alargar a abrangência do termo crônica, porque se constituem mais de depoimentos, de fidelidade histórico-cultural, porém plenamente literários.

Iniciemos com os textos que registram o cenário da casa de praia do autor em Cachoeira do Bom Jesus e que se enquadram mais diretamente na crônica. No texto-título do livro, o "leitor inveterado" sente-se distraído e arrebatado por um casal de corruíras, paixão que perdura por 15 anos de belo convívio. Ainda na mesma casa de praia, o cuidado atencioso para com *A árvore*, especialmente aquela "lutando por sobrevivência", mercede belas considerações, bem como o puro diálogo mantido com Eglê sobre *Outras árvores* registra as diversificadas preferências pelas árvores, que "sentem, ouvem". Trata-se, de fato, de um belo recanto de convívio com a natureza.

Mas Salim Miguel foi o cérebro e o espírito do Grupo Sul, nas décadas de 1940 e 1950, movimento da mais decisiva influência para o desenvolvimento cultural do Estado, de modo que é natural que esse período seja recordado e revivido em diversos textos. Lembrando a primeira representação teatral do filósofo-literato francês, *Sartre em Florianópolis* constitui texto-depoimento de fundamental importância para os inícios do Grupo Sul. Também *Um escritor de ficção* retoma com vigor aquele Círculo de Arte Moderna, esclarecendo a engenhosa estratégia de como surgiu, arduamente "traduzido", um romance no Grupo Sul. *Wania, nosso morto* no

Chile busca "resgatar do olvido" participante do Grupo Sul, 1948, Wania José de Mattos, morto, entre golpes militares, no Chile. Relevantes informações sobre o primeiro e fantasmático longa-metragem catarinense – *O preço da ilusão*, de 1957, desfecho do Grupo Sul – integram *Um fantasma renitente*. Um texto mais longo, *Achegas para a história do Masc*, delinca como surgiu e evoluiu o Círculo de Arte Moderna/Grupo Sul, à semelhança da paulista Semana de Arte Moderna, mas concentra atenção na área de artes plásticas e na criação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis – MAMF, depois Masc.

As décadas de 1940-1950 oportunizam outros retornos do escritor aos períodos do seu vanguardismo no Estado. *Outro censo, outros tempos* é crônica que contém ótimos elementos autobiográficos, recuando, a partir do censo de 2000, para o de 1950, quando Salim foi recenseador. E, no Centro de Convenções da Baía Sul, uma *Empada* faz recuar cinco décadas, para recuperar a "empada do Chiquinho". Tempos difíceis, tempos de arbitrariedades trazem recordações às vezes frustrantes, como *Teje preso*, o projeto de reportagem fotográfica sobre as neves de São Joaquim, porque o delegado decidiu prender e depois expulsar a equipe, integrada pelo autor. E *Sérgio Carvalho (Maçado)*, um herói relembra esse herói que sacrificou tudo para manter-se fiel à sua consciência, nos maldadados anos de chumbo do golpe militar.

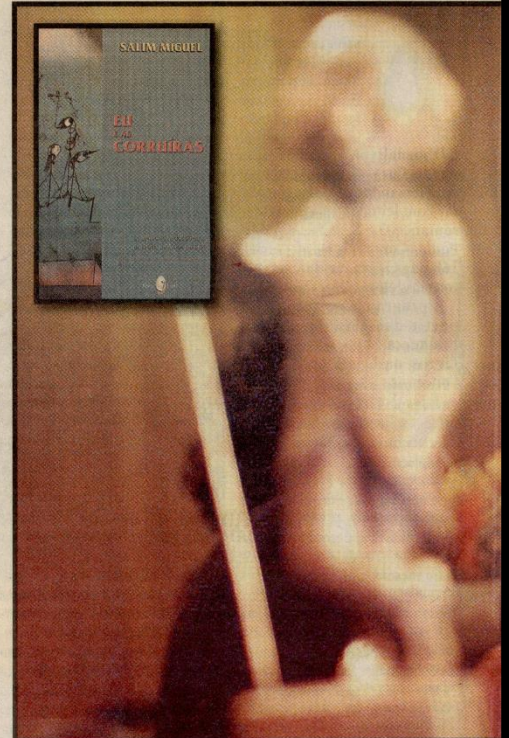
Sabemos todos que Salim Miguel foi e continua sendo um apaixonado pelo livro, um leitor que precisaria dispor de 50 a cem horas por dia para apreciar a vastíssima produção literária que não cessa de multiplicar-se. Em *Garcia e a paixão da leitura*, o Garcia, leitor de Machado de Assis, não será menos Salim Miguel, com a paixão da leitura que começou antes de saber ler. E esse Salim, que nunca escamoteou sua "paixão do livro", também discorre com eficiência sobre *De livros e livreiros*. Mas esse leitor, conhecedor e criador de literatura viveu decepções, como ressalta em *Alemanha: quatro momentos* – relato longo de visita, em 1977, quando, ao

pretender visitar a casa de nascimento de Thomas Mann, em Lübeck, somente encontrou uma placa. E acrescento eu que, há poucos meses, em Buenos Aires, procurei a casa-biblioteca de Jorge Luis Borges, e somente encontrei destroços do prédio, informando-me os vizinhos que, mesmo lutando eles para a preservação, interesses imobiliários prevaleceram, estando em curso a construção de um prédio no local.

Salim Miguel desenvolveu vastíssima rede de relacionamentos com personalidades inúmeras, sobretudo no campo da cultura, de modo que não se estranham referências recorrentes em seus textos. Em *José Mindlin, bibliófilo*, esse autêntico mito aqui se familiariza e assegura que o livro persistirá e que ele "supre tudo o que surge pensando suplantá-lo". Em meio ao lançamento dos vencedores do Concurso Nacional Cruz e Sousa, Houaiss deixa de lado seus conhecimentos de palavras e livros para comprovar sua habilidade em preparar amêijoas (nada mais do que berbigão!), em *As amêijoas de Houaiss*. E *George, o primeiro de Washington* traz-nos o libanês-americano George N. Atiyeh, que prestou extraordinária contribuição à cultura, mas também se encontrou com o conterrâneo Salim Miguel. Com saudável humor, apresenta o bem-humorado e etiquetado Alcides Ferreira, *Os vários senador perpétuo*.

Não só de literatura vive Salim, sabendo bem apreciar as artes plásticas. *Tércio da Gama* traça um retrato preciso da pessoa e da arte de Tércio, pura "explosão de cor" na exposição *Ilha de meus amores*. Dois textos registrando a evolução e trajetória de Meyer Filho: *uma realidade fantástica* – nosso pintor de galos (cósmicos), com suas místicas viagens a Marte. E também chega a vez de Hyedi de Assis Correa e sua paixão sempre renovadora pela arte, devidamente homenageado em três textos: *Hassis e o sonho*, *Magia do circo*, e ainda *Hassis – uno e múltiplo*, comentando o trabalho desse eterno insatisfeito com sua arte, porque o artista verdadeiro sempre aspira ao mais elevado.

Em todas as localidades pelas



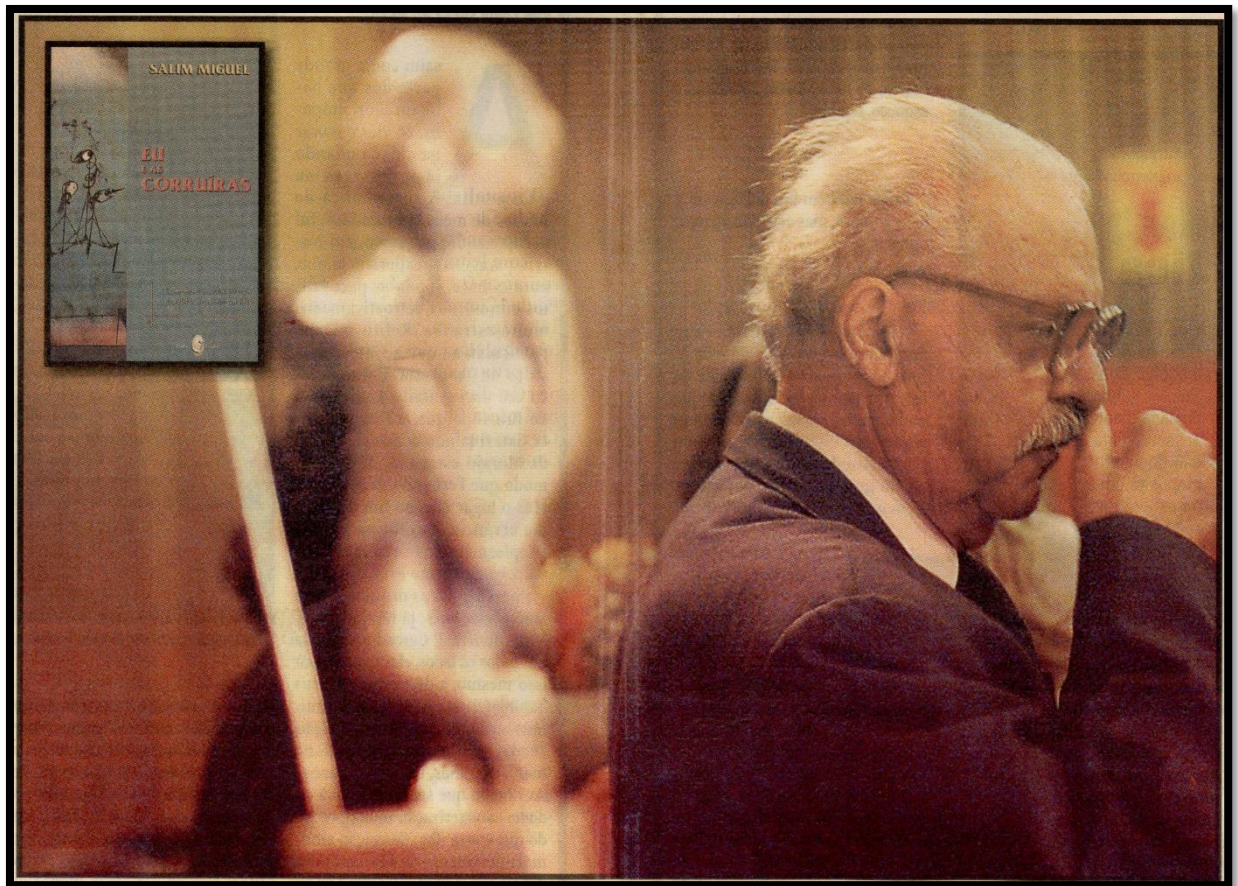
O escritor catarinense Salim Miguel na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo.

quais passou, Salim Miguel registrou marcas em seus escritos, sempre em caráter literário-cultural. O fascínio do romancista-cronista pelo México, seu povo e sua cultura emerge de uma experiência na primeira visita, com *La mordida*. Biaguaçu formou geografia literária na sua ficção e daí decorre um apelo insistente para recuperar e transformar em centro cultural essa histórica construção do *Casarão dos Born*. E *São Miguel, Biguaçu, Açores* convida a Açores-São Miguel, sem para lá ir, através de carta do amigo E M Santos, aquele do filme de 1957, *O preço da ilusão*. *Lisboa*, 1985 retoma as relações literárias Brasil-Portugal e

faz especial referência ao humanista homem de cultura George Agostinho da Silva, cujo centenário de nascimento acabamos de comemorar. "Ciceroneado por Cícero Sandroni, Salim Miguel revela história e peculiaridades do bairro machadiano nessa *A descoberta do Cosmo Velho*.

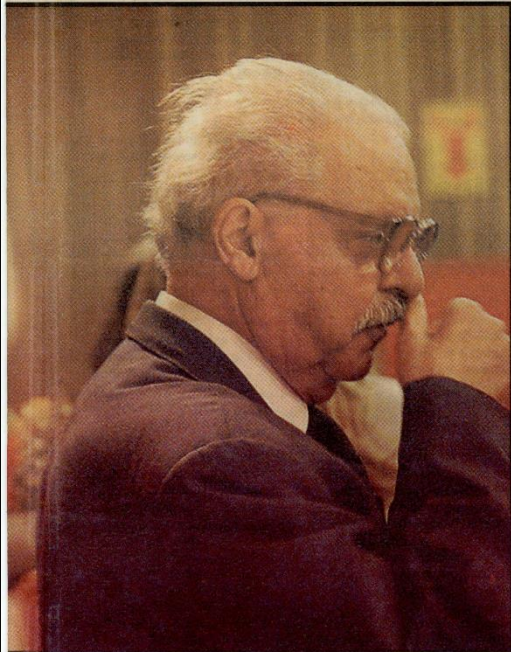
Peculiaridades diversas emergem de outros textos. Uma simples e real topada (não sem consequências) recobra belo intertexto colhido de poeta, em *Topada e cacofonia*. Há décadas fascinado pelo assunto *O Contestado* e *os doze pares*, indaga-se o cronista como Carlos Magno e os Doze Pares de França adquiriram tan-

Salim Miguel, Eglê Malheiros e o pr





o produtor E M Santos, discutindo o roteiro do filme *O preço da ilusão*, filmado em 1957



aulo, em agosto de 2002, quando recebeu o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano

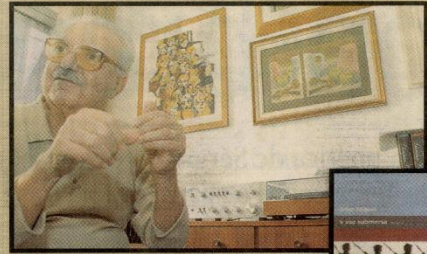
ista e influência e transformações entre os caboclos. E constata que a luta do povo pela propriedade de terras ainda persiste. *Seqüelas de uma prisão*, inapagáveis e insubstituíveis, recordam aqueles tempos de arbitrariedades revolucionárias. Pessoalmente também não me liberto de marcas inesquecíveis dos inquéritos militares e ameaças que sofri em 1969, quando não podia ouvir sirene de carro de polícia sem esconder-me. Enfim, propósito da entrada em novo milênio, em *O ano 2000*, antes lembra escritores de futurologia e a "fantástica" previsão de Emilio Salgari no livro *As maravilhas do ano 2000*.

Não se pode exigir que alguém seja bom em tudo. Entretanto, Salim Miguel transita muito seguramente entre variados gêneros e formas literárias: o conto, o romance, o ensaio, a crítica e, agora, a crônica.

E de sob esse simples, bucólico e lírico título *Eu e as corruínas*, emerge um escritor-leitor com revelações cujo registro se torna indispensável para melhor conhecimento da nossa cultura. E não é para menos, com 50 anos de publicações literárias!

* Presidente da Academia Catarinense de Letras

A voz premiada de um mestre



O escritor em sua casa no Bairro Carvoeira, na Capital

POR IVAN SCHMIDT *

Poucas coisas são mais gratificantes do que pegar um bom livro, retirar-se para um lugar tranquilo e ler. Lembrou-me de ter recolhido a frase num dos inúmeros romances do inglês Somerset Maugham. E ela me ocorreu ao encerrar a leitura de *A voz submersa*, de Salim Miguel.

Estou certo de que a inclusão desse romance na série já publicada pela Record, ao mesmo tempo em que é um resgate oportuno de uma parcela magistral da literatura brasileira, significa, também, o inteiro mérito de um operário das letras, que somente aos 83 anos tem o privilégio de ver seus livros mais emblemáticos saírem com o selo de editora de expressão nacional. O fato é também alvissareiro para leitores jovens, que agora satisfarão o gosto literário com o estilo inconfundível do autor de *As desquitadas de Florianópolis*.

Salim nasceu numa aldeia libanesa, em 1924, e foi trazido no colo pelos pais, que migraram para o Brasil. Passou a adolescência em Biguaçu, mudando-se para Florianópolis a fim de continuar os estudos e trabalhar. Literato em progresso, passou a frequentar a confraria dos jovens intelectuais da Ilha de Santa Catarina, sendo um dos co-fundadores do Grupo Sul, que antes do fim da década de 1940 iniciou a publicação da revista batizada com o mesmo nome, na qual apareceram trabalhos assinados por Aníbal Nunes Pires, Guido Wilmar Sassi, Adolfo Boss Júnior,

Eglê Malheiros, entre tantos que despoñariam como vanguardeiros da literatura catarinense.

A voz submersa, para esclarecer o leitor, é um romance originalmente lançado em 1984, situando-se, a bem da verdade, nos primórdios da maturidade criativa de um artista que havia publicado seu primeiro romance (*A rede*) em 1955. Desde então Salim havia se dedicado à narrativa curta, na qual se tornaria um de nossos mestres, às profissões de livreiro e editor e também ao jornalismo. Presso no dia seguinte ao golpe de 1964, então exercendo a função de redator da Agência Nacional em Florianópolis, depois de solto se transferiu para o Rio por influência do escritor e amigo Adonias Filho, diretor da referida autarquia federal.

No Rio, um episódio testemunhado por Salim, sem dúvida serviu para avivar as feridas recentes de sua relação pessoal com a mão dura da repressão. Trata-se do assassinato de Edson Luís Souto, em 1968, num choque entre policiais e estudantes que faziam do restaurante Calabouço, além da referência obrigatória, uma autêntica trincheira da liberdade democrática. O corpo ensanguentado do jovem foi carregado pela multidão até as escadarias da Câmara Municipal, na Cinelândia, e o jornalista estava entre os acompanhantes.

O tema ficou cristalizado em sua memória por 15 anos, até tomar a forma de romance-confissão, às vezes tão cruel como foi a experiência dos que sofreram na carne o impacto dos anos de chumbo. A trama é

desenrolada por Dulce, protagonista e narradora da tragédia, como um extenso romance, mesmo que a verdade última jamais seja pronunciada porquanto a jovem e liberada mulher mesclava no interminável telefonema à mãe, ou na hipótese perfeitamente cabível da desinibida digressão no divã do analista, choramingas à interferência das cunhadas em sua vida conjugal, detalhes picantes da libido de outras e dela mesma e lembranças de fundo psicológico desencontradas da infância, adolescência e início da juventude em Florianópolis e Biguaçu, donde procedia a família.

Nesse aspecto, são incisivas as alusões autobiográficas a essência recorrente do realismo ficcional que serviu de argamassa à escrita de Salim Miguel. Desenhada com esmero pelo autor, a conotação psicanalítica da arenga de Dulce é inferida pelas referências subjacentes ao surgimento desse modismo entre a classe média alta a que pertencia Dulce, casada com um bem-sucedido e influente investidor na Bolsa de Valores.

Na verdade, Salim soube tecer com a paciência de um artesão, embora o romance tenha sido escrito em poucas semanas, um caudaloso fluxo de consciência que rivaliza em intensidade com os introdutórios do gênero na modernidade literária. O tom onírico desse imaginário sem travas ou meias palavras, não raro confundido pelo delírio mais eloquente, chega ao clímax no momento em que a mulher sai à rua e faz sinal para um ônibus que não tem motorista e nem passageiros.

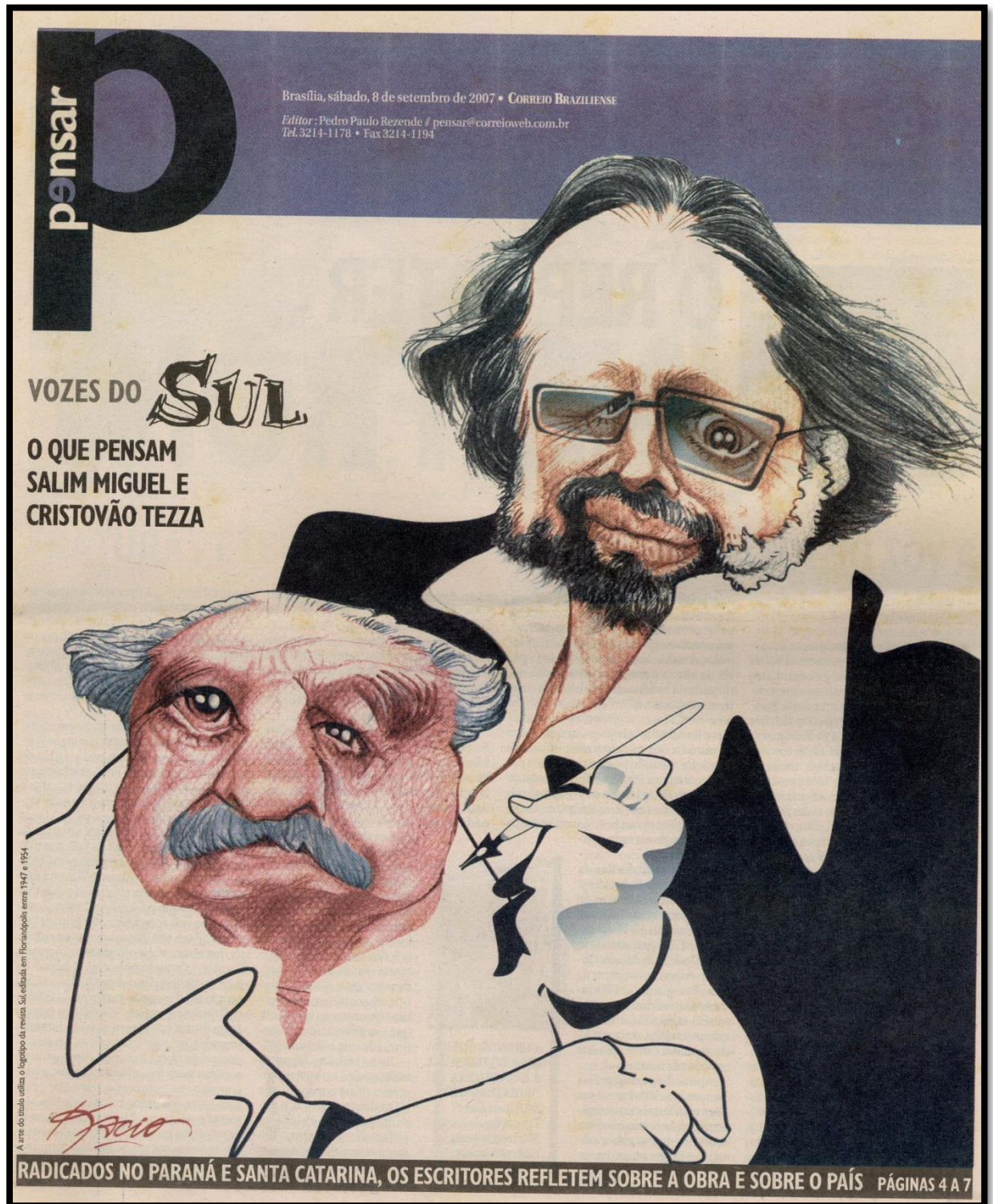
Mais tarde, entrando num cinema do Largo do Machado, acompanha na tela uma sequência de cores violentas e contrastantes e chega a dormir. Desperta e vê que o filme pouco evoluiu, ou não evoluiu: o retorno ao fio condutor é torturante e a imagem que não se materializa se reflete no fundo de seus olhos: "Casos retinindo no calçamento. Com o pai ela-menina tenta se refugiar na loja. Os tiros. O corpo do estudante varado de balas".

Ao final da leitura, a percepção se aclara: o escritor, premiado pelo domínio da técnica, pintou o retrato perfeito de um tempo aziago, ao que parece escoimando da própria consciência um miasma que o atormentou por anos. Libertado e recomposto seguiu sua vida até ser saudado como um dos mais virtuosos intelectuais do país.

* Jornalista e crítico literário, texto publicado originalmente no Observatório de Imprensa

015: A Província Saudável: entrevista Salim Miguel.

MARCELO, Carlos; REZENDE, Pedro Paulo. A Província Saudável: entrevista Salim Miguel. **Correio Braziliense**. Brasília, 8/set/07, pag. 4 e 5. Coluna Vozes do Sul.



entrevista // SALIM MIGUEL

A PROVÍNCIA SAUDÁVEL

CARLOS MARCELO E PEDRO PAULO REZENDE
DA EQUIPE DO CORREIO

Salim Miguel aportou no Brasil em 1927, aos três anos de idade, vindo de Kfarssotouroun, uma aldeola no Líbano. Hoje, aos 82 anos, transformou-se numa espécie de patrimônio intangível de Santa Catarina, depois de construir uma sólida carreira de escritor e jornalista. Pai de cinco filhos e avô de três netos, é casado, há mais de 50 anos, com a poeta e dramaturga Eglê Malheiros. Seu

livro *Nur na escuridão* ganhou dois dos prêmios literários mais importantes do Brasil, o da Associação de Críticos de Arte de São Paulo e o Zaffari & Bourbon da 7ª Jornada de Literatura de Passo Fundo. Neste ano, publicou *O sabor da fome pela Record*, uma coletânea de contos. O romance 1º de abril, publicado em 1994, também recebeu tradução francesa. Com apenas 30% de visão, o escritor permanece ativo ditando suas obras a um amigo. O texto, em seguida, é lido em voz alta por Eglê e revisado por ambos. Ele esteve em Brasília e contou para o Pensar sua trajetória de vida, além de fazer considerações sobre a literatura brasileira.

Você saiu de Santa Catarina e viveu, durante um período, no Rio. Depois, voltou para Florianópolis. Por que?

No meu caso eu saí forçado. Na época, logo depois do movimento militar de 1964, havia dois tipos de exilados: os que saíram para outros países e os que buscavam abrigo em outros estados da Federação. No dia 2 de abril eu fui preso, e minha mulher também. E eu me exilei em uma cidade da qual gosto muito, o Rio de Janeiro, onde passei 14 anos e fiz grandes amigos. Não tenho do que me queixar. Eu me considero um jornalista que faz ficção. Fiz grandes amigos e viajei todo o país fazendo grandes reportagens para a empresa jornalística para a qual trabalhava (*o grupo Bloch*). Minha mulher, eu e mais três amigos editamos durante quatro anos uma revista chamada *Ficção*, que fez um mapeamento da história curta no Brasil. Fui obrigado a sair de Santa Catarina, mas, no geral, foi uma boa experiência. Só que, em 1979, já estávamos saindo do período mais duro da ditadura e o Rio estava se tornando uma cidade muito violenta. Florianópolis era uma cidade tranquila e eu pretendia me aposentar para me dedicar mais à literatura, sem abandonar totalmente o jornalismo. E acertei. Veja só, de 1951, quando editei meu primeiro livro, até 1979, tive apenas cinco livros publicados. Passei 18 anos escrevendo muito, rasgando muito e publicando um ou outro artigo de crítica ou conto. De lá para cá, escrevi e publiquei 28 livros. A volta para Florianópolis foi positiva.

Mas nesse caso você abandonou o jornalismo...

Eu não continuei no dia-a-dia do jornal, mas não abandonei o jornalismo. Quando eu tinha nove ou 10 anos, na pequena cidade de Biguaçu, meu pai, me vendo grudado em tudo que era papel ou revista, perguntou: o que pretende fazer na vida. Sem vacilar respondi: jornalista e ficcionista. Então, trabalhei em

imprensa durante 40 anos. Quando voltei para Florianópolis, em 1979, não aceitei vínculo empregatício, mas fiquei trabalhando como free fixo (*jornalista que colabora regularmente com uma empresa sem ser empregado*). De lá para cá venho colaborando com inúmeros cadernos culturais do Rio, de Porto Alegre e em Florianópolis. Eu acredito que jornalismo também é literatura. Numa vez, conversando com Joel Silveira, um dos maiores jornalistas brasileiros de todos os tempos, recentemente falecido, eu disse: "Em toda grande reportagem sempre há uma pitadinha de ficção".

Você nasceu no Líbano. Como chegou em Biguaçu, uma cidadezinha do interior de Santa Catarina?

Eu tinha três anos. Embora descrente, existe uma palavra árabe que define tudo: *maktub*, que significa "estava escrito". Meu pai ia para os Estados Unidos onde a minha mãe tinha três irmãos que estavam relativamente bem situados e com emprego. No meio da viagem, no porto francês de Marselha, meu pai, professor de primeiras letras do árabe, teve um problema de visão. Enquanto aguardávamos, esgotou-se a cota de imigração de libaneses para os Estados Unidos. Sua intenção era ir para o México e entrar de contrabando em território norte-americano, mas o dinheiro estava acabando. Meu pai lembrou-se então que tinha uma irmã que morava em Magé, no estado do Rio. No dia 18 de maio de 1927, desembarcamos no terminal de passageiros do cais do porto da Praça Mauá, no Rio de Janeiro. Resultado. Depois de dois anos estava apaixonado pelo Brasil e desistiu de ir para os Estados Unidos. Depois de um curto período morando em Magé, lembrou-se de alguns "brimos", como falavam os árabes, que moravam em Florianópolis e acabou vivendo o resto da vida em Santa Catarina. Ele não tinha a menor vocação para o comércio. Em Biguaçu, montou uma pequena

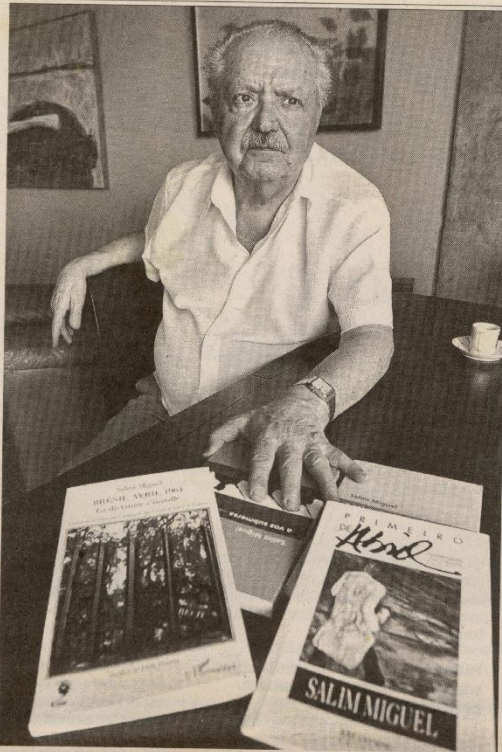
venda. Mais tarde, vivemos em Florianópolis. Ele complementava a renda da família escrevendo e lendo cartas e contratos para comerciantes árabes da cidade, bem-sucedidos, mas analfabetos, na maioria das vezes. Biguaçu marcou minha formação. Tive contato com todas as etnias que fizeram esse país: açorianos, italianos, alemães, negros, índios. Em toda a comunidade, havia cinco famílias libanesas.

Quando começou a escrever?

Comecei a escrever muito cedo. Escrevia e rasgava o que tinha feito. E deveria ter rasgado muito mais. Entre 1945 e 1946, um grupo de jovens, do qual fazia parte, começou a escrever contos e crônicas para os jornais, que tinham um quadro de pessoal muito pequeno e aceitavam colaborações. Colaborávamos com todos os jornais de Florianópolis. Na época, começaram a surgir revistas literárias em várias partes do Brasil. Nós então fizemos a *Sul*, a que teve vida mais longa. E foi aí que eu e outros se iniciaram na literatura. Junto com a *Sul*, mantínhamos um grupo de teatro e um cineclube e terminamos por fazer o primeiro filme da história de Santa Catarina, *O preço de uma ilusão*. Ainda tinha uma editora, que publicou alguns livros.

Você resgatou dois contos publicados na *Sul* e republicou-os em seu mais recente livro.

Ao contrário de muitos escritores, eu não gosto de alterar o que eu já publiquei. Acho que representam um determinado momento, com as possíveis qualidades e defeitos. Ou eu reedito como estão ou eu os esqueço. Em meu novo livro, *O sabor da fome*, publiquei 12 novos contos, ao lado de quatro outros que tinham saído em jornais. Aí, resolvi juntar dois dos primeiros contos que fiz e que foram publicados na *Sul*, escritos em 1947 e 1949. Nelas existe uma espécie de recorrência, que marca todo o meu trabalho e é influência direta das



Paulo H. Cavallotti/CB - 29/07

PENSAR

“Minha literatura trata do tempo, da velhice, da morte e da memória; busco deixar um testemunho sobre minha época e minha gente”

experiência de 48 dias na prisão depois do golpe de 1964. Eu anotava minhas reações e as das 60 pessoas que estavam presas comigo no alojamento da Polícia Militar. Deixei dormir um tempo e depois escrevi. A obra tem uma forma pouco usual, é em segunda pessoa. Ela apresentou um resumo ao editor da *Art Matin* que se interessou em publicar a obra.

Como ocorreu sua prisão depois do golpe militar?

Eu era homem de esquerda e trabalhava na assessoria de imprensa do governo do estado. Além disso, era chefe do escritório da Agência Nacional, órgão de comunicação do governo federal, e tinha sido sócio de uma pequena livraria, a primeira a vender todos os tipos de livros, inclusive publicados na União Soviética. No dia do golpe, eu já não fazia parte da sociedade há cinco anos, a loja, que ainda era conhecida como a livraria do Salim, foi invadida e os livros foram queimados em praça pública. O líder do grupo pegava *A capital*, do Eça de Queiroz, e jogava na fogueira, pensando que era *O capital*, de Marx. Também queimou um livro sobre cubismo, achando que era sobre

Cuba. Em 2004, depois de uma carreira como professor universitário, apareceu na TV defendendo a preservação do livro. Passei duas noites sem dormir, aí escrevi um conto, “Livros em chamas”, sobre o episódio. Quem me liberou foi o comandante do 1º Exército, general Sizeno Sarmento, a pedido do chefe da Agência Nacional. Recebi a notícia quando estava na fila do jantar. Achei que era brincadeira. Quando soube que era verdade, peguei o garfo e a faca e disse: Vou levar como lembrança. Montamos num quadro, que está em nossa casa em Florianópolis.

Quais são os temas que o fascinam como escritor?

Desde o início, minha literatura trata do tempo, da velhice, da morte e da memória; busco deixar um testemunho sobre minha época e minha gente. Personagens e situações transitam de um texto para outro, e meu universo ficcional engloba Florianópolis, Biguaçu, Rio de Janeiro.

Por que a literatura produzida em Santa Catarina não consegue ter grande repercussão nacional?

Não é por falta de valores; existem vários nomes, que mereciam maior visibilidade, e não só na literatura. Perdura até hoje o fato de que, para acontecer, é preciso integrar o

eixo Rio-São Paulo. A grande extensão territorial do país nos faz viver em ilhas “ilhadas” e poucos conseguem fugir a esse cerco. Apenas um exemplo: quando se fala em Pernambuco, apesar de outros nomes também importantes, logo se pensa em Ariano Suassuna.

Por falar em Ariano Suassuna, por que um grande número de escritores nordestinos conseguiram se sobressair no mercado nacional?

Eles partem para o eixo Rio-São Paulo. Alguns por um problema de sobrevivência. Lá existe uma possibilidade maior de realização. Na Região Sul, onde a população tem mais condição de sobreviver, são poucos os que saem, em comparação com o Nordeste. Em Santa Catarina o caso é ainda mais complicado porque o governo nunca se preocupou em vender, no bom sentido da palavra, os seus valores. O Rio Grande do Sul é tão peculiar que nomes da literatura gaúcha se tornam tão conhecidos e vendem mais no próprio estado que alguns autores nacionais em todo o país. Vou dar um exemplo: Luiz Antonio de Assis Brasil, um excelente romancista, que vem da tradição do Erico Veríssimo e do Josué Guimarães, vende 6 mil exemplares em primeira tiragem, enquanto no resto do país, a primeira edição, em média, é de 3 mil exemplares. Ele recusou convites de grandes editoras. E não é só ele. Erico Veríssimo se tornou um nome conhecido nacionalmente sem sair de Porto Alegre. De uma maneira geral, é mais fácil viver na Região Sul e por isso os escritores de lá saem menos, apesar das condições de vida ainda não serem as ideais.

Como fica a cultura catarinense, impensada entre estados tradicionais como Paraná e Rio Grande do Sul?

Concordo no que se refere ao Rio Grande do Sul, que vem desenvolvendo há décadas um projeto cultural, um projeto da sociedade, mantido por governos sucessivos, independente dos partidos. Seu Instituto Estadual do Livro, com mais de 50 anos, assim como a Feira do Livro, o Festival de Cinema de Gramado, a Jornada de Literatura de Passo Fundo, entre outros, são a prova do que afirmamos. Já no Paraná a situação me parece diferente, não há a mesma continuidade, embora o atual governo venha se mostrando muito sensível à questão cultural. Voltando à literatura, fora de seu chão apenas são conhecidos, em que pese outros valores, Luis Fernando Veríssimo e Moacyr Scliar, no Rio Grande. No caso do Paraná, há o Dalton Trevisan, que usa o marketing do silêncio, tão eficiente quanto o de falar demais para se promover. Num passado não muito distante, sabia-se de Érico Veríssimo, merecidamente reconhecido, porém quase nada de Dyonélio Machado e Mário Quintana. São aspectos de um problema mais complexo, a falta de um projeto nacional de cultura, que não pode se limitar a uma lei de incentivo baseada na renúncia fiscal.

noites de Biguaçu, quando meus pais me contavam histórias da vida deles no Líbano, de uma tradição oral árabe ou das *Mil e uma noites*.

Como surgem os seus livros?

Acredito pouco em inspiração, mais em vocação, talento e persistência. O jornalista que sou ajuda o ficcionista. Os temas abordados pela literatura são poucos e basicamente os mesmos desde o começo dos tempos; no meu caso, nem sou eu que vou procurá-los, são eles que me provocam e incitam; dependendo de uma frase, de um flagrante, de uma imagem, de um som que acionam um mecanismo interior. Devido ao jornalismo, sou rápido em elaborar, embora lento em concluir. Muito cedo me pus a escrever e a rasgar, insatisfeito com o resultado. O romance *Nur na escuridão* (a trajetória de uma família de imigrantes no Brasil) cuja elaboração começou bem antes, só veio a ser publicado em 1999; *A voz submersa*, resultado de dois fatos sem ligação aparente, o assassinato do estudante Edson Luis em 1968 e os intermináveis telefonemas de uma vizinha; iniciado em 1969, só veio a ser publicado em 1984. Quando escrevo, seja conto, romance ou crítica, a luta com a palavra é a mesma.

Uma de suas obras acaba de receber uma tradução francesa...

Tudo começou quando uma pesquisadora francesa, Luciana Rassier, se interessou em fazer uma tese de doutorado e traduzir meu romance *Nur na escuridão*. Ela esteve em Florianópolis e lá eu lhe dei um exemplar de *1º de abril*, que relata, de forma ficcional, minha

PEQUENA Estante

NUR NA ESCURIDÃO
Topbooks
294 páginas
Preço: R\$ 26

O SABOR DA FOME
Record
160 páginas
Preço: R\$ 29

AVIDA BREVE DE SEZEFREDO DAS NEVES
Record
352 páginas
Preço: R\$ 42

A VOZ SUBMERSA
Record
240 páginas
Preço: R\$ 36,00

MARE NOSTRUM
176 páginas
Preço: R\$ 28

016: As invenções de Salim Miguel

BRASIL, Rodrigo. As invenções de Salim Miguel. *Jornal Notícias do Dia*. Florianópolis, 13 e 14/out./2007, pag. 24. Contracapa.

As invenções de Salim Miguel

Um dos mais renomados nomes da literatura catarinense lança mão de situações e personagens recorrentes nos livros

RODRIGO BRASIL
rodrigo@jornalnoticiasodia.com.br

O escritor catarinense Salim Miguel, 82 anos, considerado o decano da literatura catarinense, com mais de 20 livros publicados, incluindo romances, contos, crônicas e novelas, traz em sua criação personagens e situações recorrentes, que reaparecem de um livro para o outro. Um dos principais é o preto velho Ti Adão, presente em vários de seus livros, que, numa de suas aparições mais recentes, diz: "Tu mexes tanto comigo, que já não sei se sou eu ou um eu que tu não cansas de reinventar".

O personagem foi inspirado num preto velho de uns 100 anos de idade que morava em São Miguel, localidade próxima a Biguaçu, onde o escritor morava. "Aquele senhor costumava caminhar diariamente até a venda que meu pai tinha, sentar numa cadeira que lhe era quase cativa, e ficava contando histórias, que depois eu resgatava e reinventaria em meus livros", conta o escritor.

Desfrutando de bom conhecimento em todo o País, Miguel teve dois de seus livros publicados em maio desse ano, pelo selo Record. O livro de contos "O sabor da fome" traz 12 contos inéditos, dois escritos na década de 90 e outros dois que saíram na revista Sul no final dos anos 40. "Pensei em não republicar esses contos, mas achei que seria curioso para o leitor

ver como comecei e como estou hoje", ressalta.

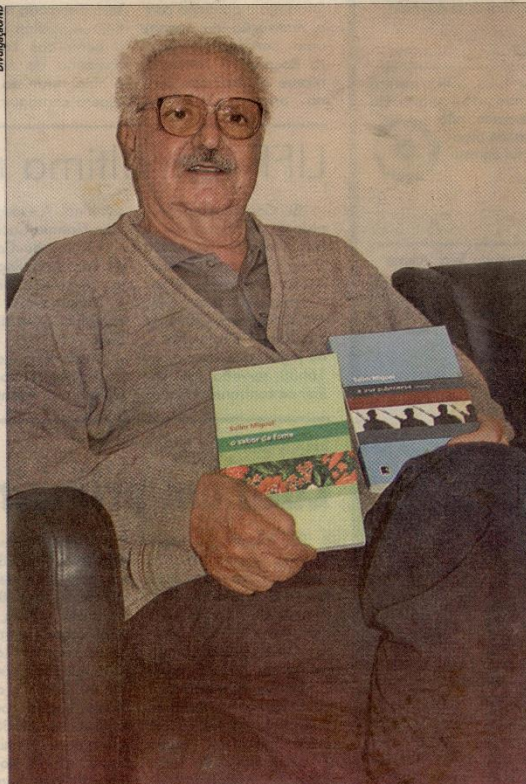
Também foi republicado o romance "Voz submersa", que teve boa repercussão quando foi publicado, em 1984, e que estava esgotado há vários anos. O livro nasceu de um fato testemunhado pelo próprio Salim durante a ditadura militar: a visão do corpo do estudante Edson Luís Souto, já sem vida, carregado por uma multidão indignada, que o deposita na escadaria da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na Cinelândia, em 1968.

Salim Miguel foi preso no dia seguinte ao golpe de 1964, então exercendo a função de redator da Agência Nacional em Florianópolis. Depois de solto, se transferiu para o Rio, onde testemunhou o episódio que o levou a escrever o romance.

O escritor morou no Rio até 1979, quando voltou a Florianópolis, onde mora atualmente.

Recentemente, em agosto, foi lançado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, o livro "Revista Ficção. Histórias para o prazer da leitura", uma antologia reunindo 50 contos publicados na revista, selecionados pelo escritor e crítico literário Miguel Sanches Neto. Um dos editores da revista, Salim Miguel esteve presente no lançamento, ao lado de sua esposa, Eglê Medeiros, também escritora e editora da Ficção. "Entre 1976 e 1979, publicamos 800 contos, mapeando os contos no Brasil e também do estrangeiro", comenta Miguel.

Divulgação/MD



Aos 82 anos, Salim é considerado o decano da literatura no Estado

“

Pensei em não republicar 'O sabor da fome', mas achei que seria curioso para o leitor ver como comecei e como estou hoje”

“

Aquele senhor ficava contando histórias, que depois eu resgatava e reinventaria em meus livros”

017: De frente para o mundo: obra de Salim Miguel que fala da repressão nos primeiros dias de ditadura de 1964 é traduzida para o francês

SCHMITZ, Paulo Clóvis. De frente para o mundo: obra de Salim Miguel que fala da repressão nos primeiros dias de ditadura de 1964 é traduzida para o francês. **Jornal Notícias do Dia**. Florianópolis, 30/out/07, pag. 9. Literatura.

De frente para o mundo

Obra de Salim Miguel que fala da repressão nos primeiros dias da ditadura de 1964 é traduzida para o francês

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@jornalnoticiasodia.com.br

Aos 83 anos, Salim Miguel tem o primeiro livro traduzido para uma língua estrangeira. Será lançada nesta terça-feira à noite, na UFSC, a versão francesa de "Primeiro de Abril – Narrativas da Cadeia", na qual o escritor narra em segunda pessoa, mesclando fatos e ficção, os 50 dias em que passou numa prisão militar em Florianópolis, no início da ditadura, em 1964. A tradutora, a professora brasileira Luciana Wrege-Rassier, estará presente, e o evento se dá dentro do colóquio "Memória de uma modernidade periférica: 60 anos do Grupo Sul", organizado pela própria Luciana, radicada na França, e pela professora Simone Pereira Schmitt, do departamento de Língua

e Literatura Vernáculas da Universidade Federal.

A intenção inicial de Wrege-Rassier, dentro de um projeto de pós-doutorado na Universidade de La Rochelle, era verter para o francês "Nur na Escuridão", obra de Salim Miguel que resgata o episódio da vinda de sua família do Líbano para o Brasil, em 1927. No entanto, a editora L'Harmattan, de Paris, se interessou mais por "Primeiro de Abril", que fala de um tema de maior apelo junto ao público europeu – a tumultuada vida política no Brasil nos anos pós-golpe de 64. A versão em português foi editada em 1994 pela José Olympio Editora, e na França o livro recebeu o título de "Avril 1964: La Dictature s'installe", dentro da coleção L'Autre Amérique. Em 2008, Luciana vai concluir

seu pós-doutorado publicando um estudo sobre a obra completa de Salim Miguel no idioma de Baudelaire.

Assunto que desperta curiosidade na Europa, a questão da repressão nos anos de chumbo no Brasil não isentou o autor e a tradutora de alguns cuidados que permitissem melhor entendimento sobre a cronologia e a geografia dos acontecimentos. Assim, após algumas reuniões entre Luciana Wrege-Rassier, Salim e sua mulher Eglê Malheiros, foi montado um glossário de quatro páginas em que se explica, por exemplo, o que é a ponte Hercílio Luz (de onde deveria ser jogado um dos revolucionários presos, na cogitação dos repressores) e quem foi o marechal Castelo Branco (um dos presidentes militares pós-revolução).



O escritor Salim Miguel entre seus livros (acima) e com o Grupo Sul

Grupo revolucionou cultura da Capital

Para Salim Miguel, ter um livro vertido para o francês (e com a perspectiva de outros seguirem o mesmo caminho) é muito especial. "Tive contos, artigos ou capítulos traduzidos na Itália, Alemanha, Argentina e México, além de textos publicados em Portugal e Moçambique, mas esta é a primeira tradução de um volume completo", festeja ele.

O colóquio sobre o Grupo Sul, que prossegue até amanhã na UFSC, foi combinado em Brasília, há menos de dois meses, numa homenagem feita a Salim Miguel, e leva em conta o 60º aniversário do movimento que transformou a literatura e as artes em

Santa Catarina. A gênese do grupo foi a montagem de três peças (de Pirandello, Bernard Shaw e Ody Fraga) no Teatro Álvaro de Carvalho, em novembro de 1947, com o objetivo de levantar recursos para a edição do primeiro número da Revista Sul, em janeiro do ano seguinte. A receptividade foi tão calorosa que o grupo partiu para outra investida e montou um espetáculo baseado num conto de Jean-Paul Sartre. "Foi a primeira adaptação de Sartre para o teatro feita no Brasil", conta Salim Miguel. Estava dada a partida para o nascimento do Grupo Sul, há exatos 60 anos.

Programação

● Hoje

● **18h30** – Auditório Henrique Fontes
Exibição do filme "Modernos do Sul", de Kátia Klock

Debate com a diretora e os escritores Salim Miguel, Eglê Malheiros, Adolfo Boos Jr., Silveira de Souza, Walmar Cardoso de Oliveira e Osvaldo Ferreira de Mello

Abertura de exposição sobre o Grupo Sul, organizada pela professora da UFSC Tânia Piacentini, criadora da Biblioteca Barca dos Livros e da Sociedade Amantes da Leitura
Lançamento da tradução do livro Primeiro de Abril, de Salim Miguel, e de obras de outros autores, como Flávio José Cardozo e Adolfo Boos Jr.

● Quarta-feira

● **10h30** – Auditório Henrique Fontes
Mesa-redonda "Florianópolis-Brasil, Século 20", com Lauro Junkes (UFSC), Laudelino José Sardá (Unisul), Kellyn Batistella (Uniassevi) e Dorva Rezende (jornal Diário Catarinense)

● **16h** – Auditório Henrique Fontes
Mesa-redonda "Literatura, Memória, Identidade", com Luciana Wrege-Rassier (Universidade de La Rochelle), Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC) e Flávio José Cardozo
Leitura de trechos do livro Primeiro de Abril, de Salim Miguel, traduzido pela professora Luciana Wrege-Rassier para o francês.

018: E assim começou o grupo: em 7 de novembro de 1947, peças foram encenadas para custear a Revista Sul

ALVES, Márcio Miranda. E assim começou o grupo: em 7 de novembro de 1947, peças foram encenadas para custear a Revista Sul. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 7/nov/07, pag. 6 e 7. Variedades/Cultura.



019: A voz premiada de um mestre

SCHMIDT, Ivan. A voz premiada de um mestre. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 21/jul/07, pag. 3. Cultura.

A voz premiada de um mestre



O escritor em sua casa no Bairro Carvoeira, na Capital

POR IVAN SCHMIDT *

Poucas coisas são mais gratificantes do que pegar um bom livro, retirar-se para um lugar tranquilo e ler. Lembrou-me de ter recolhido a frase num dos inúmeros romances do inglês Somerset Maugham. E ela me ocorreu ao encerrar a leitura de *A voz submersa*, de Salim Miguel.

Estou certo de que a inclusão desse romance na série já publicada pela Record, ao mesmo tempo em que é um resgate oportuno de uma parcela magistral da literatura brasileira, significa, também, o inteiro mérito de um operário das letras, que somente aos 83 anos tem o privilégio de ver seus livros mais emblemáticos saírem com o selo de editora de expressão nacional. O fato é também alvissareiro para leitores jovens, que agora satisfarão o gosto literário com o estilo inconfundível do autor de *As desquitadas de Florianópolis*.

Salim nasceu numa aldeia libanesa, em 1924, e foi trazido no colo pelos pais, que migraram para o Brasil. Passou a adolescência em Biguaçu, mudando-se para Florianópolis a fim de continuar os estudos e trabalhar. Literato em progresso, passou a frequentar a confraria dos jovens intelectuais da Ilha de Santa Catarina, sendo um dos co-fundadores do Grupo Sul, que antes do fim da década de 1940 iniciou a publicação da revista batizada com o mesmo nome, na qual apareceram trabalhos assinados por Aníbal Nunes Pires, Guido Wilmar Sassi, Adolfo Boss Júnior,

Eglê Malheiros, entre tantos que despontariam como vanguardistas da literatura catarinense.

A voz submersa, para esclarecer o leitor, é um romance originalmente lançado em 1984, situando-se, a bem da verdade, nos primórdios da maturidade criativa de um artista que havia publicado seu primeiro romance (*A rede*) em 1955. Desde então Salim havia se dedicado à narrativa curta, na qual se tornaria um de nossos mestres, às profissões de livreiro e editor e também ao jornalismo. Preso no dia seguinte ao golpe de 1964, então exercendo a função de redator da Agência Nacional em Florianópolis, depois de solto se transferiu para o Rio por influência do escritor e amigo Adonias Filho, diretor da referida autarquia federal.

No Rio, um episódio testemunhado por Salim, sem dúvida serviu para avivar as feridas recentes de sua relação pessoal com a mão dura da repressão. Trata-se do assassinato de Edson Luís Souto, em 1968, num choque entre policiais e estudantes que faziam do restaurante Calabouço, além da referência obrigatória, uma autêntica trincheira da liberdade democrática. O corpo ensangüentado do jovem foi carregado pela multidão até as escadarias da Câmara Municipal, na Cinelândia, e o jornalista estava entre os acompanhantes.

O tema ficou cristalizado em sua memória por 15 anos, até tomar a forma de romance-confissão, às vezes tão cruel como foi a experiência dos que sofreram na carne o impacto dos anos de chumbo. A trama é

desenrolada por Dulce, protagonista e narradora da tragédia, como um extenso romance, mesmo que a verdade última jamais seja pronunciada porquanto a jovem e liberada mulher mesclava no interminável telefonema à mãe, ou na hipótese perfeitamente cabível da desinibida digressão no divã do analista, choramingas à interferência das cunhadas em sua vida conjugal, detalhes picantes da libido de outras e dela mesma e lembranças de fundo psicológico desentranhadas da infância, adolescência e início da juventude em Florianópolis e Biguaçu, donde procedia a família.

Nesse aspecto, são incisivas as alusões autobiográficas à essência recorrente do realismo ficcional que serviu de argamassa à escrita de Salim Miguel. Desenhada com esmero pelo autor, a conotação psicanalítica da arenga de Dulce é inferida pelas referências subjacentes ao surgimento desse modismo entre a classe média alta a que pertencia Dulce, casada com um bem-sucedido e influente investidor na Bolsa de Valores.

Na verdade, Salim soube tecer com a paciência de um artesão, embora o romance tenha sido escrito em poucas semanas, um caudaloso fluxo de consciência que rivaliza em intensidade com os introdutores do gênero na modernidade literária. O tom onírico desse imaginário sem travas ou meias palavras, não raro confundido pelo delírio mais eloquente, chega ao clímax no momento em que a mulher sai à rua e faz sinal para um ônibus que não tem motorista e nem passageiros.

Mais tarde, entrando num cinema do Largo do Machado, acompanha na tela uma sequência de cores violentas e contrastantes e chega a dormir. Desperta e vê que o filme pouco evoluiu, ou não evoluiu: o retorno ao fio condutor é torturante e a imagem que não se materializa se reflete no fundo de seus olhos: "Cascos retinindo no calçamento. Com o pai ela-menina tenta se refugiar na loja. Os tiros. O corpo do estudante varado de balas".

Ao final da leitura, a percepção se aclara: o escritor, premiado pelo domínio da técnica, pintou o retrato perfeito de um tempo aziago, ao que parece escoimando da própria consciência um miasma que o atormentou por anos. Liberto e recomposto seguiu sua vereda até ser saudado como um dos mais virtuosos intelectuais do país.

* Jornalista e crítico literário, texto publicado originalmente no Observatório de Imprensa

020: Foto para ficar na história: grupo sul é homenageado na semana de letras da Universidade Federal de Santa Catarina

VIETRO, Ainá. Foto para ficar na história: grupo sul é homenageado na semana de letras da Universidade Federal de Santa Catarina. **A Notícia**. Santa Catarina, 30/out./07, pag. B1. Anexo.



Foto para ficar na história

Grupo Sul é homenageado na Semana de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina

AINÁ VIETRO
FLORIANÓPOLIS

O escritor Salim Miguel relembra com saudade as histórias daquele ano de 1947, em que um grupo de jovens se reuniu para "mexer com a pasmaceira da Ilha". A Semana de Arte Moderna, que ocorreu em São Paulo em 1922, já completava mais de 20 anos e ainda eram poucos os reflexos artísticos por aqui. Para tentar renovar a rotina, os jovens criaram o Círculo da Arte Moderna, que ficou conhecido como Grupo Sul. Hoje, 60 anos depois, o grupo será homenageado no colóquio "Memórias de uma Modernidade Periférica: 60 Anos do Grupo Sul" durante a 1ª Semana de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A programação começa hoje, às 18h30, com a exibição do filme "Modernos do Sul", de Kátia Klock. O documentário foi produzido em 2004 e conta a história do Grupo Sul, com depoimentos dos integrantes. Haverá também uma exposição organizada pela Biblioteca Barca dos Livros - Sociedade Amantes da Leitura, com revistas, fotos do grupo, documentos e livros. Durante o colóquio, que contará com a presença de componentes do grupo, será prestada uma homenagem ao cineasta Armando Carreirão, que morreu sábado, aos 82 anos. Ele também integrava o grupo e foi o produtor de "O Preço da Ilusão", primeiro longa-metragem catarinense.

A data oficial da criação do Círculo foi 7 de novembro de 1947, dia em

que foram apresentadas três peças de teatro em um só ato, no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC), para arrecadar recursos para o lançamento de uma revista. A palavra círculo foi escolhida, relembra Salim, porque não havia um "cacique", e todos do grupo tinham a mesma voz na hora de se expressar. Mas, com o lançamento da Sul - a revista do Círculo de Arte Moderna - em janeiro de 1948, os jovens ficaram famosos como Grupo Sul.

Eglê Malheiros, mulher de Salim e que participou ativamente do grupo, conta que não existia um número exato de participantes, mas que girava em torno de 15 pessoas. "Não havia um estatuto muito fixo, então as pessoas entravam ou saíam com facilidade", diz. Algumas vezes, artistas de outros lugares, que não

eram de Santa Catarina, participavam também. A revista era uma das formas de expressão do Grupo Sul, que também tinha trabalhos de artes plásticas, teatro, cinema e literatura.

Mesmo sendo apenas uma parte do trabalho do grupo, a revista foi uma das publicações que durou mais tempo. Naquela época de pós-guerra, explica Salim, eram muitas as publicações de jovens em todo o País, aproximadamente 40.

A "Sul" circulou por dez anos, atrás somente da mineira "Clá", que sobreviveu cerca de 15 anos. A revista foi tão importante que, em 1949, passou a ser enviada para outros países, como a ex-União Soviética, Estados Unidos, China, Espanha, Bélgica, Argentina e outros.

A revista chegou ao seu fim, diz

Eglê, pela necessidade de profissionalização. "Não podíamos mais ser amadores, mas não tínhamos recursos para alugar sede e pagar funcionários, ter registro. Antes que ficasse caótica, resolvemos terminar, porque, para uma revista jovem, ela estava bem idosa." Eglê diz ainda que "todo o caminho do Grupo Sul foi trilhado sem pensar se era importante ou não, mas por necessidade interior".

ainá.vietro@an.com.br

■ O QUÊ. COLÓQUIO "MEMÓRIAS DE UMA MODERNIDADE PERIFÉRICA: 60 ANOS DO GRUPO SUL", DURANTE A 1ª SEMANA DE LETRAS DA UFSC. QUANDO: HOJE E AMANHÃ. ONDE: AUDITÓRIO HENRIQUE DA SILVA FONTES, NO CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE) DA UFSC. QUANTO: ENTRADA GRATUITA. MAIS INFORMAÇÕES: WWW.SEMANADELETRAS.CCE.UFSC.BR

021: Salim Miguel tem livro traduzido para o francês

SALIM Miguel tem livro traduzido para o francês. **A Notícia**. Santa Catarina, 30/out./2007, pag. B1.

Anexo

DESTAQUES DE HOJE

12h30
Exibição de curta-metragem: "Imaginação e Animação no Cinema Tcheco" – de Jiri Trnka e Jan Svankmajer.

16 horas
Mesa-redonda: "30 Anos (sem) Clarice".

18h30
Colóquio: "Memórias de uma Modernidade Periférica: 60 Anos do Grupo Sul", exibição do filme "Modernos do Sul", abertura da exposição sobre o Grupo Sul e lançamento da tradução de "Primeiro de Abril"

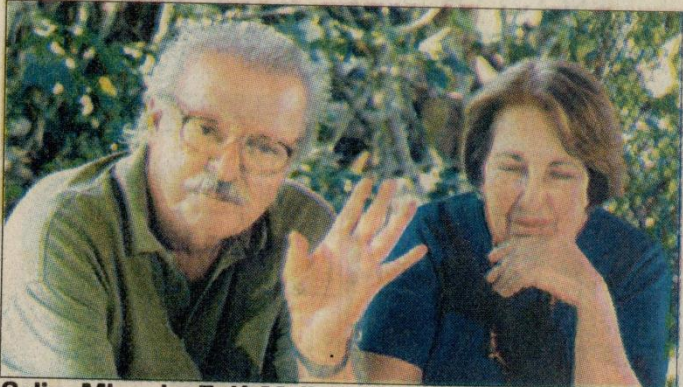
Local: Auditório Henrique Fontes – prédio B – CCE

■ Confira a programação completa em www.an.com.br

Salim Miguel tem livro traduzido para o francês

Na Semana de Letras da UFSC, depois da exibição do documentário "Modernos do Sul", às 18h30, haverá o lançamento da tradução para o francês do livro "Primeiro de Abril", de Salim Miguel. A obra, que conta a história dos 48 dias em que Salim ficou preso no ano de 1964, foi traduzida por Luciana Wrege Rassier, que leciona na Universidade de La Rochelle, na França. Ela estará presente na Semana de Letras hoje, após a exibição de "Modernos do Sul", e quarta-feira, às 16 horas.

O interesse da professora por Salim surgiu em 2004, quando estava no pós-doutorado. "Queria trabalhar a questão da identidade e imigração", relembra. Foi quando uma edição de "Nur na Escuridão", de Salim Miguel, caiu nas mãos dela. Depois de conhecer outras obras do autor que vive na Grande Florianópolis, Luciana optou por traduzir "Primeiro de Abril". "A questão do golpe interessa muito ao público francês", avalia. O livro já foi distribuído na França.



Salim Miguel e Eglê Malheiros em "Modernos do Sul"

022: Curiosidades da moda: com ajuda da internet, o despretensioso e revelador questionário Proust volta a cena literária

VIETRO, Ainá. Curiosidades da moda: com ajuda da internet, o despretensioso e revelador questionário Proust volta a cena literária. **A Notícia**. Santa Catarina, 20/set/07, pag. B1. Anexo

Curiosidade da moda

Com a ajuda da internet, o despretensioso e revelador questionário Proust volta à cena literária

AINÁ VIETRO
FLORIANÓPOLIS

Lembra de quando você estava no primário e na hora do recreio circulava um caderno com um questionário? Diga seu nome, data de nascimento, comida que mais gosta, entre outras perguntas? Esse questionário, que servia para que os amigos se conhecessem um pouco mais, está de volta. Respondido por leitores, escritores – como Fabrício Carpinejar e Milton Ribeiro – e outros artistas, são agora uma das febre nos blogs da internet, onde se espalha como “meme” – um blogueiro passa para outro, que o repassa adiante, e assim sucessivamente.

Mas, se você pensa que o questionário é uma mania do mundo moderno – o site de relacionamentos Orkut não deixa de ter, em seu cadastro, uma versão do jogo de perguntas – está enganado. Já na Inglaterra da rainha Vitória, no

distante século 19, era moda um questionário chamado “Confessions: An Album to Record Thoughts, Feelings etc”. Dali para a França foi um pulo e em pouco tempo muitos respondiam “Confessions...” nos salões franceses.

Foi nessa época que o escritor francês Marcel Proust (1871-1922), então com 13 anos, respondeu o questionário pela primeira vez, durante uma festa na casa da prima Antoinette Faure. Mais tarde, já com 20 anos, o autor de “Em Busca de Tempo Perdido” criou uma versão do questionário.

“Ele adapta, altera algumas perguntas, omite outras. Tudo para seu bel prazer”, com respostas espirituosas”, comenta a professora de literatura Laura Miller.

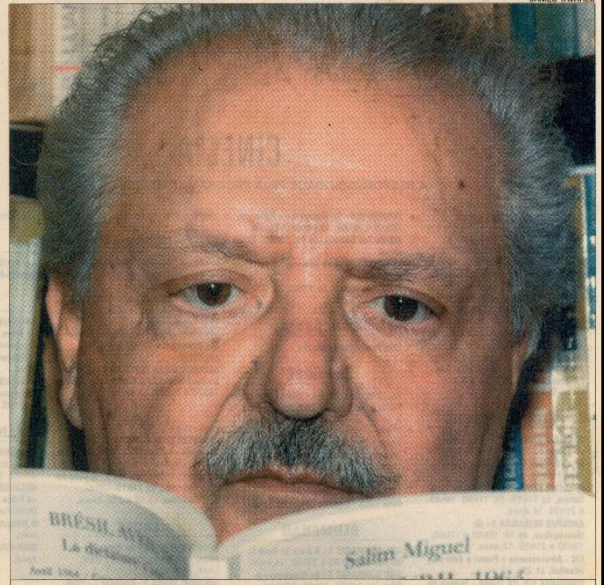
A adaptação de Proust ficou famosa depois que foi reencontrada, em 1924, pelo filho da prima Antoinette. Chamado de “Questionário de Proust”, esses originais foram leiloados

em 2003 por nada menos que 102 mil euros (cerca de R\$ 270 mil). Laura explica que o questionário hoje se transformou em base até para jornalistas, na hora de fazer perguntas e respostas rápidas para os entrevistados, conhecido como “bate-bola”.

Um dos exemplos mais conhecidos de “bate-bola” está no programa americano “Inside the Actors Studio”, em que o apresentador James Lipton faz o questionário com os atores famosos que o visitam, ao fim de cada programa. Mas, assim como Proust alterou algumas perguntas, Lipton também tomou a liberdade de acrescentar seus questionamentos.

A Notícia selecionou dez perguntas, entre as 29 de Proust, e convidou três pessoas para respondê-las. O escritor Salim Miguel, a fotógrafa e escritora Silvana Leal e o estudante Gabriel Herling, que tem a mesma idade de Proust, na época que alterou o questionário (20 anos). Leia o resultado e perceba o quanto perguntas e respostas simples revelam da personalidade humana.

ainavietro@an.com.br



“Tragédia é a falta de liberdade”

1 Qual é sua maior qualidade?
O dinamismo.

2 E seu maior defeito?
A intabilidade.

3 A característica mais importante em um homem?
A delicadeza.

4 E em uma mulher?
A força.

5 O que você mais gosta em seus amigos?
O bom humor.

6 Sua atividade favorita é...
A minha arte.

7 Qual é sua idéia de felicidade?
Um mundo sem fome.

8 E o que seria a maior das tragédias?
A falta de liberdade.

9 Quem você gostaria de ser, se não fosse você mesmo?
Uma baleia.

10 E onde gostaria de viver?
No oceano.

■ Silvana Leal, fotógrafa e escritora, nasceu em Itajaí em 1971. Começou a fotografar em 1995 e no ano passado lançou o livro "Todocorpo".



JAMES TAVARES

“Teorizar sobre uma impossibilidade não é o meu forte”

1 Qual é sua maior qualidade?
Francamente não sei. Penso que é mais fácil aos que me conhecem responder. De qualquer maneira, eu diria que é a persistência, que ouvi de meu pai quando eu tinha lá uns dez anos, respondendo a uma pergunta: "Se persistir, conseguirá".

2 E seu maior defeito?
Não aceitar a injustiça.

3 A característica mais importante em um homem?
Ser fiel aos princípios da ética.

4 E em uma mulher?
Idem.

5 O que você mais gosta em seus amigos?
Pra começo de conversa, tenho infatigáveis conhecidos e poucos amigos muito próximos. Talvez pelo fato de termos alguns pontos de contato que nos aproximam ou por sermos inteiramente diferentes.

6 Sua atividade favorita é...
Ler e escrever. Praticar o jornalismo que me ajudou na minha ficção.

7 Qual sua idéia de felicidade?
É não ser infeliz.

8 E o que seria a maior das tragédias?
Ver o Brasil numa crise pior do que a que estamos atravessando.

9 Quem você gostaria de ser, se não fosse você mesmo?
Cada um é aquilo que é. Teorizar sobre uma impossibilidade não é o meu forte. Sou o que sou, com minhas qualidades e meus defeitos, como todo ser humano.

10 E onde gostaria de viver?
Onde vivo, com possibilidade de, periodicamente, como pede meu sangue fenício, dar um giro por outras paisagens, seja no Brasil ou fora.

■ Salim Miguel é escritor e nasceu no Líbano, em 1924. Chegou ao Brasil em 1927. Em 1951, lançou sua primeira obra, "A Valhice e Outros Contos".

“Felicidade é alcançar tudo que a pessoa almeja”



RICARDO MEGA

1 Qual é sua maior qualidade?
Creio que é a perseverança, busco o que quero.

2 E seu maior defeito?
Talvez a minha timidez.

3 A característica mais importante em um homem?
Sabedoria e inteligência.

4 E em uma mulher?
Sabedoria e inteligência também.

5 O que você mais gosta em seus amigos?
A sinceridade e o companheirismo.

6 Sua atividade favorita é...
Gosto muito de futebol, jogos, e até mesmo de estudar (certas matérias), mas a que eu julgo ser a minha preferida (principalmente após um ano morando longe da família e dos amigos) é passar uma tarde toda junto deles conversando.

7 Qual é sua idéia de felicidade?

A minha idéia de felicidade é alcançar tudo que a pessoa almeja. Tanto ter dinheiro quanto ter o amor de seus amigos e familiares.

8 E o que seria a maior das tragédias?
Desistir dos seus objetivos assim que encontra barreiras na sua busca por eles.

9 Quem você gostaria de ser, se não fosse você mesmo?
Nunca pensei nisso antes, mas não tenho vontade de ser outra pessoa, talvez ser alguém famoso.

10 E onde gostaria de viver?
Em qualquer lugar, desde que esteja ao lado da minha família e dos meus amigos.

■ Gabriel Moraes Herling tem 20 anos (a mesma idade de Proust quando respondeu o questionário pela segunda vez) e é estudante de administração da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

023: A vã ilusão de poder mudar o mundo

MANSUR, André Luiz. A Vã ilusão de poder mudar o mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro, 23/mar./06.
Prosa & verso-entrevista

[FICÇÃO][FICÇÃO][FICÇÃO] *O Globo, Prosa & Verso, 26/3/2006.*

A vã ilusão de poder mudar o mundo

Personagem de Salim Miguel representa os anseios de toda uma geração

A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta, de Salim Miguel. Editora Record, 354 páginas. R\$ 40,90

André Luis Mansur

Longe demais das grandes capitais, como na letra da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii, o escritor Salim Miguel escreve de sua querida Florianópolis sobre um grande poeta criado por ele, síntese de um grupo de jovens que acreditava poder resolver "os problemas de nossa terra, de nosso estado, do nosso país, do mundo". Uma vã ilusão, como o próprio escritor, parte fundamental desse grupo, atesta.

Salim Miguel tem uma trajetória peculiar na literatura brasileira contemporânea. Nascido no Líbano em 1924, foi ainda criança para Biguaçu, cidade da Grande Florianópolis. Na capital catarinense, para onde se mudaria e vive até hoje, participou de diversos movimentos culturais. Entre seus 25 livros publicados, um dos mais conhecidos é "Mare nostrum"

(Record), finalista do prêmio Jabuti em 2005.

Em "Sezefredo das Neves", Salim Miguel desenvolve uma estrutura narrativa que mistura memória, biografia, reportagem e romance, nunca definindo o que é realidade e ficção. Seu poeta é um poço de adjetivos: pálido, alto, magro, suave, agressivo, doentio, sonhador e infeliz, "como todos os poetas de antanho", no caso as décadas de 40 e 50 da boemia intelectualizada de Florianópolis.

Romance foi reduzido de 450 para 350 páginas

O livro é a segunda versão do romance lançado pelo autor em 1987. Reduzido de 450 para 350 páginas, o livro mistura personagens conhecidos dele e outros criados pelo autor, sendo que o protagonista, o frustrado Sezefredo das Neves, pura criação literária, simboliza os sonhos e ambições do aspirante a escritor que vai para a cidade grande morar numa pensão barata, com dinheiro contado, originais engavetados em envelope pardo e muita cara de pau

(que é necessária quando não se conhece ninguém) para se incluir nos grupos e painéis intelectuais. Um "Rimbaud caboclo" que se transforma em homem de negócios e deixa o romantismo para trás, perdido em alguma sombra do passado, lembrando uma "metamorfose aparentemente inexplicável".

Não deixa de ser um livro nostálgico, um rito de passagem em que se percebe não apenas as marcas do tempo no rosto, no corpo e na voz, mas também nos hábitos e costumes da cidade que deixou de ser pequena. "O inevitável esbarrar-se com os conhecidos nos bairros, na rua-praça central sumira, lembrança para poucos de um tempo ido".

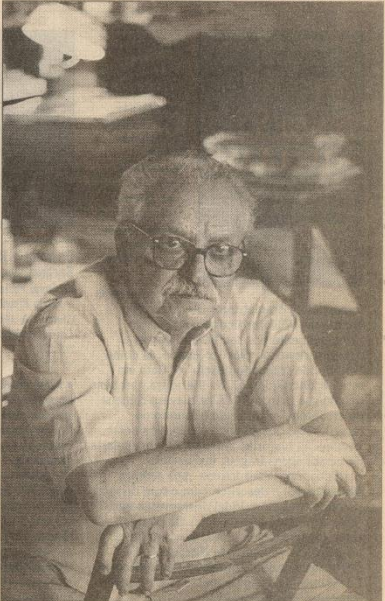
Nesta turma, que admirava Mário de Andrade, Lorca, Pessoa, Drummond e o catarinense Cruz e Souza, sobram vultos esmaecidos, "sonhos errados entre sombras" e o medo de que todos se perderam e estão deixando um mundo ainda pior para os que viriam depois.

O nome Sezefredo das Neves ganha literalmente um corpo

quando a dona da pensão onde ele se hospedara descobre uma maçaroca de papéis nas gavetas. "Pensei em jogar tudo fora", diz ela, que resolve mudar de idéia pois gostava daquele sujeito excêntrico e inconstante, que entrega a papelada a um conhecido do poeta, que enfim a leva ao narrador desta história.

Vontade de realizar se choca com incapacidade de fazê-lo

E, de fato, a história está quase toda contida naquela papelada velha e esquecida, mas não a história de um homem apenas, de um poeta pobre que se transformou num homem de negócios, mas sim de uma geração que poderia fazer parte da pequena Biguaçu, de Florianópolis, Rio, São Paulo ou qualquer lugar onde pessoas se reúnem com "uma vontade de realizar que se choque com uma incapacidade de fazê-lo". A pergunta básica é: se os jovens não brigam e arriscam, o que serão quando ficarem velhos? ■



Leonardo Aversa/16.12.1999

ANDRÉ LUIS MANSUR é jornalista

O ESCRITOR fez uma nova versão de seu livro "Sezefredo das Neves"

024: Triste fim de uma livraria

ALVES, Márcio Miranda. Triste fim de uma livraria. Diário Catarinense. Florianópolis, 17/fev/07. Cultura.

Triste fim de uma livraria

Uma faixa de aluga-se em um prédio vazio é tudo o que restou dos 40 anos de história da Lunardelli, um marco da cultura catarinense

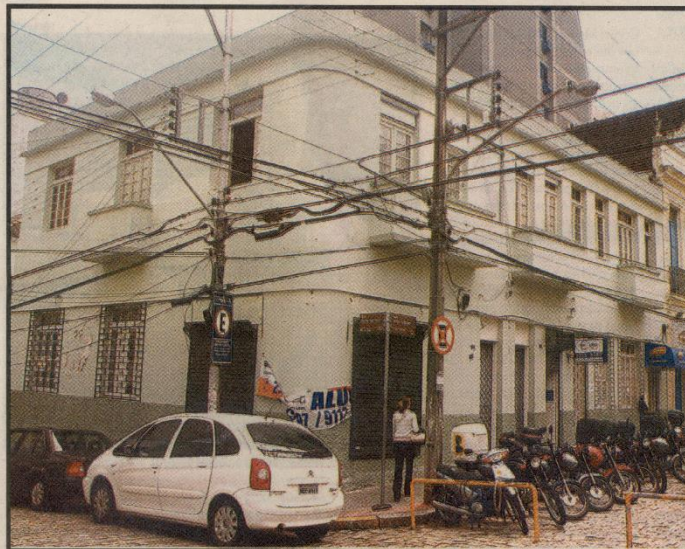
POR MÁRCIO MIRANDA ALVES

Rua Victor Meirelles, 28, esquina com Nunes Machado. Ali, bem no Centro de Florianópolis, funcionou, durante mais de 40 anos, uma livraria que mudou os rumos da história, da literatura e da educação em Santa Catarina. Naquele casarão, um livreiro e editor chamado Odilon Lunardelli sonhou alto e, com perseverança, teimosia e muitas xícaras de café, colocou na praça mais de três centenas de títulos de autores catarinenses. Este importante capítulo da formação cultural do Estado recebeu o primeiro sinal de um triste desfecho em 1997, por ocasião da morte do patrono. Como uma cortina que se fecha no final do drama, uma porta de ferro encerrou de vez, em setembro do ano passado, a trajetória de um estabelecimento identificado com toda uma geração de leitores e intelectuais. De um estoque incalculável de escritos – talvez algo em torno de um milhão de exemplares – restaram poucas, porém claras, letras: “Aluga-se”.

A Lunardelli começou a atender no dia 31 de março de 1965 com a razão social de Livraria Universitária. Nos primeiros três anos de funcionamento, Odilon, auxiliado pelo filho Luiz, um garoto com pouco mais de 11 anos, vendia exclusivamente livros importados. Diferente do que acontecia nas poucas livrarias de Santa Catarina, que na verdade eram papelarias, nesta o único produto em exposição era o livro. Luiz Lunardelli, que 20 anos mais tarde abriria a Distribuidora Estudantil, lembra que o mercado era restrito, mas a clientela, fiel. Na época, era comum os professores encomendarem livros importados em número suficiente para todos os alunos. As turmas eram pequenas, de 10 a 15 estudantes, e todos adquiriam as publicações encomendadas.

– Era um processo apaixonante. Vendíamos como num armazém. Os clientes mais fiéis podiam levar os livros e nós anotávamos as compras num caderno – conta Luiz.

O sucesso comercial da Lunardelli se explica também pelo momento em que ela surgiu. A história da livraria coincide com a fundação da Universi-



O prédio da esquina das ruas Victor Meirelles com Nunes Machado encontra-se vazio, sem os livros que fizeram a sua fama

dade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1961, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), em 1965, e da ampliação do Instituto Estadual de Educação, que em 1969 passou a funcionar em modernas instalações na Avenida Mauro Ramos. Assim como a Livraria do Globo fora importante para Porto Alegre nas décadas de 1920, 1930 e 1940, tanto no incentivo a novos escritores sulistas quanto na formação de leitores, a Livraria Lunardelli também passou a assumir este posto de convergência intelectual em Florianópolis. Isso se iniciou num período em que as idéias plantadas pelo Grupo Sul já estavam surtindo efeito sobre as artes na Capital.

Não demorou muito para Odilon Lunardelli começar a vender publicações nacionais e, a partir de 1971, a investir todos os seus esforços para favorecer os escritores catarinenses. Com o selo da Editora Lunardelli, que ele criou naquele ano, foram publicados

uma quantidade incerta (de 300 a 500) de títulos em diversos gêneros. Os primeiros livros de Urdá Klueger, Pinheiro Neto, Alcides Buss e Silveira Júnior foram editados pela Lunardelli. Era comum Odilon publicar livros apenas pela amizade com o autor, outras vezes por realmente acreditar em seu potencial, mesmo sem estrutura adequada à divulgação e à distribuição. Como muitos dos títulos eram didáticos, e dois ou três anos mais tarde eram substituídos por outros, o acúmulo no depósito da livraria formou um acervo que chegou perto de um milhão de exemplares, segundo o ex-gerente Claiton Ghiggi, que trabalhou 14 anos na empresa. No final dos anos de 1980, a Lunardelli tinha duas filiais na Rua Deodoro (uma era a Livraria e Papelaria Chalhana) e mais de 30 funcionários. Uma pesquisa nacional apontou a empresa como a segunda livraria mais completa do país.

– Perdíamos dinheiro em muitas

edições porque o Odilon não encarava o livro como mercadoria. Ele se preocupava mais em formar leitores e escritores – conta Ghiggi.

As estruturas da livraria e editora Lunardelli começaram a oscilar a partir da segunda metade dos anos 1980. Um dos motivos foi que o jornal *A Ponte*, um semanário fundado por Odilon em 1978 e que alcançou a marca de 30 mil exemplares (até fechar, em 1986), havia absorvido recursos e pessoal sem dar lucro, em contraste com a livraria e a distribuidora, que ficaram em segundo plano. Além disso, as primeiras livrarias com conceito de *megastore* começaram a entrar no mercado e a Lunardelli perdeu participação. Para piorar a situação, o proprietário se recusava a modernizar o negócio, evitando o que ele chamava de “promiscuidade do comércio de livros”, e adotava práticas que se revelaram insustentáveis, como atualizar os preços de edições antigas e evitar a no-

meação de distribuidores no interior do Estado para não se atrelar a eles.

Odilon era avesso à idéia de ver os livros em balaio de liquidação e muitas vezes mandou funcionários comprarem no sebo obras que voltavam para as prateleiras da livraria. Outra de suas “manias” era não vender o último exemplar de uma edição, apenas para mantê-lo por perto. Para reduzir os estoques da livraria, ele promoveu a doação de pelo menos 150 mil livros didáticos à rede escolar pública. Ghiggi lembra que na última vez em que separou 60 mil livros para doação, em 1997, era como se nenhum volume tivesse sido retirado do depósito, tamanha era a quantidade de livros no local. Após a morte de Odilon Lunardelli, em setembro de 1997, a livraria e a editora passaram a ser administradas pela filha Adriana. Daquele ano até 2006, os clientes foram ficando cada vez mais raros e apenas três livros foram editados, entre eles *Gente da Terra* (2005), um livro do escritor Salim Miguel (seu primeiro e único pela editora) com perfis e anotações sobre autores catarinenses. Sem ser divulgado nem distribuído, o livro é praticamente desconhecido.

– Eu vi o fechamento da Lunardelli com melancolia, tristeza. É o fim de tudo, não só do livro – sentenciou Salim Miguel.

O escritor diz que enquanto diretor da Editora da UFSC participou de várias edições com a Lunardelli. No entanto, toda vez que aparecia com um novo livro de sua autoria para apresentar a Odilon, este achava que não era o momento certo para a publicação. Quando Odilon se interessava pela obra, Salim já estava acertado com outra editora. Um sinal de que Odilon Lunardelli, apesar de toda a dedicação, ainda deixou muito por fazer quando partiu. Projetos editoriais que não foram nem serão mais realizados.

marcio.alves@diario.com.br

Cultura

Edição: Dorva Rezende
Diagramação: Paulo H. Mattos de Carvalho

Telefone: (48) 3216-3590
cultura@diario.com.br

025 Contracapa-Foto

Contracapa-Foto. Diário Catarinense. Florianópolis, 27/nov./06, pag. 12. Variedades.



026: Três livros em estágio de fazeção

LENHART, Felipe. Três livros em estágio de fazeção. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 24/fev./05. Literatura.

Três livros em estágio de “fazeção”

Cícero Sandroni chegou a Florianópolis no sábado passado, com 69 anos, e vai embora na próxima segunda-feira, já septuagenário (nasceu no dia 26, segundo biografia publicada no site da ABL). Amigo dos escritores Salim Miguel e Jair Francisco Hamms, está de “férias” num hotel na Cachoeira do Bom Jesus. Há quatro anos tira ao menos uma semana de folga para visitar os amigos na Ilha de Santa Catarina. Sentado à beira da piscina, conversou com a reportagem do *Diário Catarinense*.

– Não vim aqui para falar mal da *Manchete*, ora – reclama ele, que foi chefe de reportagem da revista durante meses no início dos anos 70.

Manter-se no cargo era difícil porque é sabido que a editora pagava mal os repórteres, havia uma preocupação exagerada com as fotos, as matérias eram superficiais e inofensivas. Não havia reportagem. Mas, como se dizia à época, era preciso “ocupar a capacidade gráfica dos Bloch”. Daí nasceu a idéia de fazer com que os donos dos melhores textos da redação escrevessem sobre clássicos da literatura universal que fossem mais citados do que lidos.

– Em boa hora a Heloisa Seixas está lançando esses textos. À época, o Salim escreveu sobre a obra do Gogol – conta, referindo-se a *As obras-primas que poucos leram*, da Record, em dois volumes.

No momento, Sandroni tem quatro livros em período de “fazeção”. Promete lançar três em 2005. Um deles, *Um dinossauro no Leblon*, será uma coletânea de artigos. Outro, uma novela, é *Morrer em Casablanca*, que nada tem a ver com o filme de Michael Curtiz. O último, de contos, se chama *Batman não foi a Búzios*.

Mas o xodó do imortal é a história do *Jornal do Comércio*, criado em 1º de outubro de 1827, no Rio de Janeiro, pelo francês Pierre Plancher. Trata-se do jornal de circulação diária ininterrupta mais antigo da América Latina. O livro deverá sair em 2007, em comemoração ao 180º aniversário do jornal.

ÍNDICE POR AUTOR

	Pintura e literatura integradas em mostra	A Notícia	2005	004
	CATARINENSES se destacam na feira do livro de Joinville: Salim Miguel é um dos autores na programação deste sábado	A Notícia	2005	006
	REUNIDOS em almoço literário...[foto]	O Povo	2006	010
	SALIM Miguel tem livro traduzido para o francês	A Notícia	2007	021
	CONTRACAPA-Foto	Diario Catarinense	2006	025
ALVES, Márcio Miranda	E assim começou o grupo: em 7 de novembro de 1947, peças foram encenadas para custear a Revista Sul.	Diário Catarinense	2007	018
	Triste fim de uma livraria	Diario Catarinense	2007	024
BRASIL, Rodrigo	As invenções de Salim Miguel	Jornal Notícias do Dia	2007	016
BUSS, Deluana	O Tempo é o senhor da razão	A Notícia	2005	005
	Uma lembrança da infância	A Notícia	2005	008
IENSEN, Jacqueline	A década do conto brasileiro: antologia resgata a revista ficção.	Diário Catarinense	2007	012
JUNIOR, Olsen	Carta a Salim Miguel	A Notícia	2005	007
JUNKES, Lauro	As Corruiras da cachoeira	Diario Catarinense	2007	014
LENHART, Felipe	Contexto histórico e literário	Diário Catarinense	2005	002
	No caminho do Jabuti: Salim Miguel e Cristovão Tezza são indicados ao principal prêmio literário do Brasil.	Diário Catarinense	2005	003
	Tres livros em estágio de fazeção	Diário Catarinense	2005	026
MANSUR, André Luiz	A Vã ilusão de poder mudar o mundo	O Globo	2006	023
MARCELO, Carlos; REZENDE, Pedro Paulo	A Provincia Saudável:entrevista Salim Miguel	Correio Braziliense	2007	015
MÜLLER, Renê	Um escritor do mundo	Diário Catarinense	2007	013
PAIVA, Natália	Pegadas na areia do tempo	O Povo	2006	011

RANGEL, Vivian	Maturidade Criativa	Jornal do Brasil	2006	009
SÁ, Sérgio de	Dez do jabuti	Correio Braziliense	2005	001
SCHMIDT, Ivan	A voz premiada de um mestre	Diario Catarinense	2007	019
SCHMITZ, Paulo Clóvis	De frente para o mundo: Obra de Salim Miguel que fala da repressão nos primeiros dias de ditadura de 1964 é traduzida para o francês	Jornal Notícias do Dia	2007	017
VIETRO, Ainá	Foto para ficar na história: grupo sul é homenageado na semana de letras da Universidade Federal de Santa Catarina	A Notícia	2007	020
	Curiosidades da moda: com ajuda da internet, o despretencioso e revelador questionário Proust volta a cena literária	A Notícia	2007	022

ÍNDICE POR JORNAL

A Notícia		Pintura e literatura integradas em mostra	2005	004
		CATARINENSES se destacam na feira do livro de Joinville: Salim Miguel é um dos autores na programação deste sábado	2005	006
		SALIM Miguel tem livro traduzido para o francês	2007	021
	BUSS, Deluana	O Tempo é o senhor da razão	2005	005
	BUSS, Deluana	Uma lembrança da infância	2005	008
	JUNIOR, Olsen	Carta a Salim Miguel	2005	007
	VIETRO, Ainá	Foto para ficar na história: grupo sul é homenageado na semana de letras da Universidade Federal de Santa Catarina	2007	020
	VIETRO, Ainá	Curiosidades da moda: com ajuda da internet, o despretencioso e revelador questionário Proust volta a cena literária	2007	022
Correio Braziliense	MARCELO, Carlos; REZENDE, Pedro Paulo	A Província Saudável:entrevista Salim Miguel	2007	015
	SÁ, Sérgio de	Dez do jabuti	2005	001
		CONTRACAPA-Foto	2006	025
Diário Catarinense	ALVES, Márcio Miranda	Triste fim de uma livraria	2007	024
	JUNKES, Lauro	As Corruiras da cachoeira	2007	014
	SCHMIDT, Ivan	A voz premiada de um mestre	2007	019
	ALVES, Márcio Miranda	E assim começou o grupo: em 7 de novembro de 1947, peças foram encenadas para custear a Revista Sul.	2007	018
	IENSEN, Jacqueline	A década do conto brasileiro: antologia resgata a revista ficção.	2007	012
	LENHART, Felipe	Contexto histórico e literário	2005	002
	LENHART, Felipe	No caminho do Jabuti: Salim Miguel e Cristovão Tezza são indicados ao principal prêmio literário do Brasil.	2005	003
	LENHART, Felipe	Tres livros em estágio de fazeção	2005	026

	MÜLLER, Renê	Um escritor do mundo	2007	013
Jornal do Brasil	RANGEL, Vivian	Maturidade Criativa	2006	009
Jornal Notícias do Dia	BRASIL, Rodrigo	As invenções de Salim Miguel	2007	016
	SCHMITZ, Paulo Clóvis	De frente para o mundo: Obra de Salim Miguel que fala da repressão nos primeiros dias de ditadura de 1964 é traduzida para o francês	2007	017
O Globo	MANSUR, André Luiz	A Vã ilusão de poder mudar o mundo	2006	023
O Povo		REUNIDOS em almoço literário...[foto]	2006	010
	PAIVA, Natália	Pegadas na areia do tempo	2006	011

ÍNDICE POR ANO

2005		Pintura e literatura integradas em mostra	A Notícia	004
		CATARINENSES se destacam na feira do livro de Joinville: Salim Miguel é um dos autores na programação deste sábado	A Notícia	006
	BUSS, Deluana	O Tempo é o senhor da razão	A Notícia	005
	BUSS, Deluana	Uma lembrança da infância	A Notícia	008
	JUNIOR, Olsen	Carta a Salim Miguel	A Notícia	007
	LENHART, Felipe	Contexto histórico e literário	Diário Catarinense	002
	LENHART, Felipe	No caminho do Jabuti: Salim Miguel e Cristovão Tezza são indicados ao principal prêmio literário do Brasil.	Diário Catarinense	003
	LENHART, Felipe	Tres livros em estágio de fazeção	Diário Catarinense	026
	SÁ, Sérgio de	Dez do jabuti	Correio Braziliense	001
2006		REUNIDOS em almoço literário...[foto]	O Povo	010
		CONTRACAPA-Foto	Diario Catarinense	025
	MANSUR, André Luiz	A Vã ilusão de poder mudar o mundo	O Globo	023
	PAIVA, Natália	Pegadas na areia do tempo	O Povo	011
	RANGEL, Vivian	Maturidade Criativa	Jornal do Brasil	009
2007		SALIM Miguel tem livro traduzido para o francês	A Notícia	021
	ALVES, Márcio Miranda	E assim começou o grupo: em 7 de novembro de 1947, peças foram encenadas para custear a Revista Sul.	Diário Catarinense	018
	ALVES, Márcio Miranda	Triste fim de uma livraria	Diario Catarinense	024
	BRASIL, Rodrigo	As invenções de Salim Miguel	Jornal Notícias do Dia	016
	IENSEN, Jacqueline	A década do conto brasileiro: antologia resgata a revista ficção.	Diário Catarinense	012
	JUNKES, Lauro	As Corruiras da cachoeira	Diario Catarinense	014

	MARCELO, Carlos; REZENDE, Pedro Paulo	A Provincia Saudável:entrevista Salim Miguel	Correio Braziliense	015
	MÜLLER, Renê	Um escritor do mundo	Diário Catarinense	013
	SCHMIDT, Ivan	A voz premiada de um mestre	Diario Catarinense	019
	SCHMITZ, Paulo Clóvis	De frente para o mundo: Obra de Salim Miguel que fala da repressão nos primeiros dias de ditadura de 1964 é traduzida para o francês	Jornal Notícias do Dia	017
	VIETRO, Ainá	Foto para ficar na história: grupo sul é homenageado na semana de letras da Universidade Federal de Santa Catarina	A Notícia	020
	VIETRO, Ainá	Curiosidades da moda: com ajuda da internet, o despretencioso e revelador questionário Proust volta a cena literária	A Notícia	022